

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**

VALFRAN NASCIMENTO SOUZA

**BIBLIOTECA SNICKET: ELEMENTOS DA BIBLIOTECONOMIA
REPRESENTADOS NA OBRA “DESVENTURAS EM SÉRIE”.**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2018**

VALFRAN NASCIMENTO SOUZA

**BIBLIOTECA SNICKET: ELEMENTOS DA BIBLIOTECONOMIA
REPRESENTADOS NA OBRA “DESVENTURAS EM SÉRIE”.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de Ciência
da Informação da Universidade Federal
de Sergipe como requisito para obtenção
do grau de bacharel em Biblioteconomia
e Documentação.

Orientadora: Profa. Dra. Niliane Aguiar

**SÃO CRISTÓVÃO - SE
2018**

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

C355h

Souza, Valfran Nascimento

Biblioteca Snicket: Elementos da Biblioteconomia representados na obra "Desventuras em Série". / Valfran Nascimento Souza; orientadora Profa. Dra. Niliane Cunha de Aguiar. - São Cristóvão, 2018.

61 f.: il.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Ciência da Informação, 2018.

1. Biblioteconomia. 2. Representação da informação.
3. Desventuras em Série 4. Literatura Infantojuvenil.
5. Desventuras em Série. I. Aguiar, Niliane Cunha de, orient. II. Título.

CDU: 028.5

**BIBLIOTECA SNICKET: ELEMENTOS DA BIBLIOTECONOMIA
REPRESENTADOS NA OBRA “DESVENTURAS EM SÉRIE”.**

VALFRAN NASCIMENTO SOUZA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de Ciência
da Informação da Universidade Federal
de Sergipe para a obtenção de grau de
bacharel em Biblioteconomia e
Documentação.

Nota: _____

Data de apresentação: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Niliane Aguiar
(Orientadora)

Profa. Dra. Janaina Fialho
(Membro convidado)

Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari
(Membro convidado)

“Nunca confie em ninguém que não traxe um livro consigo.”

LemonySnicket

RESUMO

A literatura em si é uma fonte inesgotável de informações e a literatura infantojuvenil é um dos tipos de literatura que vem ao longo do tempo crescendo e alcançando um número maior de leitores. Por ser a informação o principal objeto de estudo da Biblioteconomia, e a literatura tem um papel fundamental nessa disseminação. A ligação livros e biblioteca são inevitáveis e a literatura apresenta constantemente esses elementos no desenvolvimento dessas narrativas. Dentro dessa perspectiva e considerando a literatura infantojuvenil um ponto de início na formação de um leitor, o presente trabalho tem como objetivo geral: apresentar na obra seriada “Desventuras em Série” os elementos da biblioteconomia dentro da narrativa. Constituem-se objetivos específicos: descobrir quais elementos da biblioteconomia são apresentados, identificar passagens onde os elementos analisados são retratados, apresentar um panorama da literatura infantojuvenil e a sua importância para a formação do leitor em potencial. A pesquisa apresentada possui aspecto qualitativo quanto a sua abordagem, exploratória, pois seus objetivos são definidos de tal forma, bibliográfica decorrente dos procedimentos utilizados para a obtenção de informações e também utilizará a análise de conteúdo para tratamento dos dados. Como resultado constatou-se que a obra Desventuras em Série possui várias passagens onde os elementos, livro, biblioteca e biblioteconomia são representados, podendo a obra ser utilizada como parâmetro incentivador para jovens leitores.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Literatura infantojuvenil. Representação da informação. Lemony Snicket. Desventuras em Série.

ABSTRACT

Literature is an inexhaustible source of information and a literature on children and youth is one of the types of literature that grows over time and reaches a larger number of readers. In turn, the main object of study of Librarianship, and a literature has a fundamental role in this dissemination. The connect books and the library are inevitably and the literature presents the following elements in the development of these narratives. From the perspective and the publication of a literature about a starting point in the formation of a reader, the present work has as general objective: to present a work of art "A Series of Unfortunate Events" the elements of librarianship within the narrative. They are specific objectives: to know which elements of librarianship are presented, what are their opinions about the retracted ones, to present a panorama about the literature and its importance for the formation of the potential reader. The research may have a qualitative aspect for its exploratory approach, for purposes of analyzing its objectives, and for analyzing the data used for the information search. As a result, it was verified that a work "A Series of Unfortunate Events" can be displayed, the elements, book, library and librarianship are represented and can be edited as Indicator for young readers.

Keywords: Librarianship. Children's Literature. Information representation. Lemony Snicket. A Series of Unfortunate Events.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	Literatura Infantojuvenil	12
2.1.1	Definição	12
2.1.2	Histórico	13
2.1.3	Importância	14
2.1.4	Características	15
2.1.5	Premiações para o gênero	15
2.2	O Autor e sua Obra	16
2.2.1	O Autor	16
2.2.2	Histórico e Obras	17
2.2.3	O que é Desventuras em Série?	18
2.2.4	Fragmentação da Série	21
2.3	Elementos da Biblioteconomia	29
2.3.1	O livro	30
2.3.2	A biblioteca	31
2.3.3	O bibliotecário	31
2.4	O Bibliotecário na formação de leitores	33
3	METODOLOGIA	35
4	ANÁLISE DA OBRA DESVENTURAS EM SÉRIE	40
4.1	Biblioteca como unidade de registro	41
4.2	Livro como unidade de registro	49
4.3	Bibliotecário como unidade de registro	56
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio (COUTINHO, 1978, p 9-10).

A literatura pode ser utilizada para nos dar informações de uma maneira mais leve e fácil de compreender, muitas vezes até mesmo de se lembrar. A literatura infantil e infantojuvenil, por sua vez têm o intuito de entreter, ensinar e tornar os jovens promissores leitores. A biblioteca geralmente é retratada na literatura como um lugar sagrado e os livros como objetos de puro conhecimento para o encontro de qualquer informação. “A literatura infantil e infanto-juvenil é, por essência, a porta de entrada ao mundo da leitura e da literatura, cuja compreensão, consideramos a substância maisapurada do processo de leitura” (FLECK, 2007, p. 13).

Através desta premissa, este trabalho pretende, por meio de análise de narrativa, identificar elementos da biblioteconomia: livro, biblioteca e bibliotecário que são apresentados nos treze livros que compõem a obra seriada “Desventuras em Série” de Daniel Handler, escrita sob o pseudônimo Lemony Snicket e com ilustrações do americano Brett Helquist.

A obra retrata a jornada dos jovens Baudelaire, Violet, Klaus e Sunny, a partir do momento onde eles se tornam órfãos e toda desventura se tem início. Os três jovens possuem habilidades distintas, Violet que tem quatorze anos é uma grande inventora e cria apetrechos que facilitem suas tarefas diárias, Klaus com seus doze anos é um leitor voraz e também têm uma ótima memória, pois consegue guardar a maior parte das informações e acredita que elas sempre podem ser necessárias no futuro, e Sunny, a caçula de apenas três anos, tende a cravar seus quatro dentes afiados em tudo que acha suficientemente mordível. A coleção Desventuras em Série é dividida em treze livros que são:

- 1 Mau começo;
- 2 A sala dos répteis;
- 3 O lago das sanguessugas;
- 4 Serraria baixo-astral;
- 5 Inferno no colégio interno;

- 6 O elevado ersatz;
- 7 A cidade sinistra dos corvos;
- 8 O hospital hostil;
- 9 O espetáculo carnívoro;
- 10 O escorregador de gelo;
- 11 A gruta Gorgônea;
- 12 O penúltimo perigo e
- 13 O fim.

Cada uma das obras é de certa forma independente e conta uma parte da vida dos irmãos na tentativa de fugir do vilão Conde Olaf, o qual pretende a qualquer custo roubar a fortuna dos gêmeos, e descobrir qual o segredo da sigla C.S.C., uma organização que está ligada diretamente a vida dos seus pais e que trabalha com algo muito perigoso, o que provavelmente causou a morte dos mesmos.

Apesar de ser uma obra de literatura infantojuvenil a linguagem utilizada pode não ser tão simples, e como os personagens são crianças o autor utiliza-se do recurso de explicação de tais termos ao longo dos diálogos. Além da linguagem incomum para o público alvo, a obra também possui inúmeras referências e alusões tanto ao mundo literário como a personagens históricos, que possivelmente serão mais bem compreendidas pelo público adulto.

Tais alusões e referências ao mundo da literatura se dão através de nomes de personagens, locais que fazem parte da ambientação de toda obra e elementos que aparecem ao decorrer da narrativa.

O tema desse trabalho surgiu através da percepção da importância das bibliotecas, do livro e do bibliotecário na formação de um leitor em potencial, e de que muitas vezes as obras literárias nos apresentam elementos que são do âmbito da biblioteconomia como aspectos importantes para a criação da personalidade dos personagens. A busca por informações em livros, personagens bibliotecários e a ambientação nos mais diversos tipos de bibliotecas são fatores recorrentes em muitas obras.

No entanto muitas vezes esses elementos são representados de maneira incoerentes e muitas vezes com falta de informação sobre aspectos da biblioteconomia como é o caso da passagem da obra do autor Paulo Coelho.

Veronika fez o que a mãe pedira, certa que ela tinha experiência suficiente para entender o que era realidade. Terminou os estudos, entrou na faculdade, saiu da faculdade com um diploma e notas altas - mas só conseguiu um emprego de bibliotecária (COELHO, 1989, p.89).

Nesse caso apresentado a personagem do autor Paulo Coelho arruma um emprego como “bibliotecária”, porém em nenhum momento da narrativa é dito que a mesma possui uma formação para tal função, é implícito que a sua formação não é voltada para a atuação em bibliotecas. Pode-se perceber também uma possível “inferiorização” do profissional bibliotecário diante do trecho destacado.

A importância do tema deve-se ao fato de apresentar os elementos da biblioteconomia sob a perspectiva da literatura infantojuvenil, mostrando a importância desses elementos na trajetória dos personagens e assim fazer com que os leitores possam perceber essa mesma importância no seu cotidiano.

Por ser uma obra infantojuvenil, *Desventuras em Série* deve abordar a temática analisada de forma menos complexa e com uma escrita adequada à idade dos leitores os quais pretende alcançar, ou seja, é possível encontrar os elementos da biblioteconomia apresentados de maneira didática e talvez até mesmo fantasiosa.

A escolha do tema deve-se ainda à função social da literatura e ao interesse do autor em literatura juvenil e infantojuvenil. A pesquisa na literatura proporciona a visualização de diferentes realidades e contextos sociais em diferentes períodos históricos, o que para esse trabalho é de extrema importância. Estudar os elementos da biblioteconomia, sob uma diferente perspectiva, permite a difusão e a análise de uma imagem que vai além da apresentada na literatura especializada, que é normalmente objeto de estudo nos cursos de Biblioteconomia.

O trabalho tem como objetivo geral apresentar, na obra seriada “*Desventuras em Série*”, a representação da informação, a importância da leitura e os elementos da biblioteconomia dentro da narrativa. Como objetivos específicos pretendem-se descobrir quais são os elementos da biblioteconomia, identificar passagens onde os elementos analisados são retratados, apresentar um panorama da literatura infantojuvenil e a sua importância para a formação do leitor potencial e também verificar possíveis relações nas quais o bibliotecário pode utilizar a série como forma de incentivo à leitura.

O trabalho é composto de introdução, referencial teórico, metodologia, resultados e discussões e considerações finais. Na introdução é apresentado um panorama geral sobre a temática a ser abordada e os objetivos do mesmo.

A presente pesquisa é motivada pela seguinte pergunta norteadora: A obra *Desventuras em Série* apresenta elementos relacionados aos aspectos da Biblioteconomia e seus objetos de estudo que possam ser analisados?

O referencial teórico está dividido em quatro capítulos; O primeiro capítulo trata da literatura infantojuvenil e aborda sua definição, histórico, importância para formação do leitor, características, principais autores e obras premiadas, o segundo capítulo aborda a temática do autor da série e a composição da mesma, como a história, as obras publicadas por ele, a definição de “*Desventuras em Série*” e uma apresentação de cada livro que faz parte da série; o terceiro capítulo trabalha os elementos da biblioteconomia que serão analisados, o livro, a biblioteca e o bibliotecário, sua história, evolução e importância; o quarto e último capítulo por sua vez aborda o bibliotecário como agente incentivador de leitura e tem explanação sobre a importância do bibliotecário na formação do leitor, a literatura infanto-juvenil na biblioteca e a obra *Desventuras em Série* como estímulo a leitura.

Na metodologia tem-se o desenvolvimento sobre os métodos utilizados para cada objetivo específico sendo utilizado o método de análise de conteúdo com base na análise de co-ocorrências.

Em resultados e discussões serão analisados os trechos retirados de toda a saga *Desventuras em Série*, demonstrando a interconexão entre a narrativa e os elementos da biblioteconomia. Nas considerações finais é apresentado o panorama encontrado e as relações possíveis.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste segmento serão apresentados os temas: literatura infantojuvenil, os elementos da biblioteconomia (livro, biblioteca e bibliotecário) e a importância do bibliotecário na formação do leitor. Também será apresentado um pouco da biografia do autor e um apanhado geral da obra que será analisada.

2.1 Literatura Infantojuvenil

Antes de termos a literatura infanto-juvenil é preciso saber o que vem a ser literatura no seu contexto geral, e segundo Jouve (2012), o termo “literatura” etimologicamente vem do latim *litteratura* (“escrita”, “gramática”, “ciência”), forjado a partir de *littera* (“letra”).

2.1.1 Definição

Jouve (2012, p.29) diz:

No século XVI, a “literatura” designa então a “cultura” e, mais exatamente, a cultura do letrado, ou seja, a *erudição*. “Ter literatura” é possuir um saber, consequência natural de uma soma de leituras. Como a *litteratura* supõe a afiliação a uma elite, a aristocracia do espírito, o termo acaba, por deslizamentos sucessivos, vindo a designar o “grupo de pessoas de letras”.

Jouve (2012, p. 30) continua com a definição de literatura com o passar do tempo, pois anteriormente a arte verbal limitava-se a *poesia*:

[...] é preciso aguardar para que o termo *litteratura* possa rivalizar, no plano estético, com o termo *poesia*. No século XVIII, o conteúdo do termo *litteratura*, como efeito, está longe de ser unívoco. Ele também engloba perfeitamente tanto as obras de vocação intelectual quanto os textos de dimensão estética. Todo escrito ao qual reconheça um valor (seja por sua forma, seja por seu conteúdo) pertence à literatura. Diante disso, o campo literário engloba tanto a obra de ficção quanto os escritos históricos e filosóficos e até mesmo os científicos. As coisas evoluem porque, com as ciências positivas conquistando progressivamente a própria autonomia, torna-se cada vez mais difícil assimilar à “literatura” os escritos cientificamente orientados. A consequência dessa “secessão” é limitar a literatura ao campo da criação estética. De fato, a “gratuidade” (a ausência de finalidade prática) acaba por e impor como critério de identidade literária.

Acredita-se que por ser uma denominação relativamente recente, o termo “literatura infantojuvenil” é quase inexistente nas publicações e por esse motivo encontra-se o termo “literatura infantil” para abranger o contexto da literatura direcionada para crianças e jovens.

Para definir a literatura infantojuvenil, pode-se pensar por que existe a separação entre os tipos de literatura (infantil e infantojuvenil), a definição do público alvo, já que tudo é literatura, sobre isso Meireles (1979, p. 20) diz:

Evidentemente, tudo é uma literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera especialmente “do âmbito infantil”. São as crianças de verdade que o delimitam como sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que pra elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil “a priori”, mas “a posteriori”.

Com isso podemos perceber que a literatura infantojuvenil não é definida após a finalização de uma obra e sim no seu início, o escritor já define o seu público alvo e muitas vezes com objetivo e tipo de linguagem definida. Portanto Goes (2010) define que literatura infantil é linguagem carregada de significado até o máximo grau possível e dirigida ou não às crianças, mas que responda às exigências que lhe são próprias.

2.1.2 Histórico

O início das obras direcionadas para o público infantojuvenil é diferente para muitos autores, já que alguns levam em conta que as publicações de contos e fábulas, como As Fábulas de Esopo, podem ser o ponto inicial dessa vertente literária. Sobre as primeiras publicações Goes (2010, p. 105) diz:

Como criações que devem ser mencionadas em plena Idade Média, temos (séc. V ao XV) os Isopetes, que eram histórias de animais, escritas em versos e em língua “romance”. É famoso o *Isopete historiado* que Juan Hurus, impressor alemão, imprimiu em Zaragoza no ano de 1498 e que foi um dos primeiros livros editados na Espanha. O livro foi mandado traduzir pelo infante Don Henrique de Aragão, duque de Segorbe.

Porém Gregorin Filho (2011) diz que se o texto que se convencionou chamar de literatura infantil é apenas mais um dentre tantos outros recursos disponíveis para o desenvolvimento da prática pedagógica ou um objeto artístico, tome-se como ponto de

partida alguns exemplos da obra *Coração*, de Edmundo De Amicis. A obra de Amicis, publicada em 1886, teve uma enorme popularidade e interpreta o clima das virtudes da burguesia. É um dos clássicos mais discutidos da Literatura Infantil.

No século XIX é que vemos a consolidação da literatura, onde temos a publicação de *Coração*, e inúmeras outras obras direcionadas.

É neste século que se vai consolidar a Literatura para Crianças e Jovens como preocupação presente em muitos autores. Surgem muitas novas ideias e a preocupação com o lugar que é destinado à criança na sociedade, além de novos procedimentos na área pedagógica e literária. Nesta é dominante a novela de aventuras como meio de transmitir os novos valores humanísticos de fé no poder da realização do homem (GOES, 2010, p. 129).

Com o passar dos anos a literatura infantojuvenil se tornou uma vitrine da sociedade para o jovem, tendo as situações retratada com uma linguagem e estética direcionada. No fim do século XIX, surge uma nova mentalidade com os contos de caráter social e ideias sociais. A redescoberta do problema social da criança infeliz, conforme Góes (2010).

2.1.3 Importância

A literatura infantojuvenil encontra o seu primeiro papel dentro do âmbito escolar, onde os professores tendem a utilizá-la para ensinar e incentivar o hábito de ler. O trabalho com os livros literários no ambiente escolar, e em especial nas séries iniciais, deve ajudar o aluno a desenvolver as suas capacidades leitoras.

As obras feitas para o público infantil e juvenil têm em seu enredo passagens leves e que buscam sempre despertar o interesse do leitor:

“[...] o contato com as histórias desperta emoções e propõe leituras diferentes por se apresentarem de modos variados aos leitores, pois o leitor é quem dá sentido à obra. É por esse motivo que a leitura literária é tão importante na formação de leitores”. (FERREIRA DE PAULA; FERNANDES, 2014, p. 591).

2.1.4 Características

A literatura infantojuvenil muitas vezes pode se dividir em obras com público específico, infantil e/ou juvenil, pois eles possuem características distintas, mas que podem se fundir.

A maioria das obras infantis possui características em comum, fora algumas exceções:

- Ausência de temas adultos/e ou não apropriado para crianças, como violência, drogas etc.;
- Obras relativamente curtas, entre 80 e 100 páginas;
- Presença de estímulos visuais como figuras e fotos;
- Escrito em linguagem simples, apresentando a história de maneira clara;
- Geralmente são de caráter didático, ensinando ao jovem leitor as regras da sociedade/e ou comportamentos sociais;
- Crianças são os personagens principais;
- No geral possuem um final feliz.

Já as obras voltadas para o público juvenil, leitores entre 10 e 15 anos, possuem alguns fatores em comum, e em geral incluem:

- Temas de interesse ao jovem adolescente, como sexo, violência, drogas, relacionamentos amorosos, etc;
- Personagens dentro da faixa etária dos leitores;
- Possuem um número maior de páginas, podendo alcançar de 200 a 300 páginas e em alguns casos até mais, sendo um fato já não assustador para os leitores da idade.

2.1.5 Premiações para o gênero

A principal premiação da literatura infantojuvenil é o Prêmio Hans Christian Andersen. O prêmio é concedido a cada dois anos pela *International Board on Books for Young People* (filiada a UNESCO) e premia autores e ilustradores. O Brasil possui duas

escritoras premiadas, Lygia Bojunga Nunes, vencedora em 1982, e Ana Maria Machado, que recebeu o prêmio no ano 2000. O país ainda possui dois ilustradores premiados, Roger Mello e Ciça Fittipaldi.

Outro prêmio internacional importante é o Premio Memorial Lindgren, criado em 2002 e concedido anualmente pelo Governo Sueco através do Conselho Nacional de Cultura, conhecido apenas como Prêmio Alma, premia autores ou ilustradores, podendo ser também atribuído a uma organização que se destina a favor da divulgação da literatura e da defesa dos direitos humanos de jovens e crianças, com o valor de 5 milhões de coroas suecas (aproximadamente 520 mil euros). Em 2002 a autora brasileira Lygia Bojunga foi ganhadora da premiação.

2.2 O Autor e sua Obra¹

Neste seguimento temos um pouco da biografia do autor dos livros da série “Desventuras em Série”, um pouco das outras obras escritas pelo autor, assim como um pouco da descrição das obras que compõem a saga que será trabalhada.

2.2.1 O Autor

Daniel Handler é um autor, músico e jornalista norte americano nascido em 28 de fevereiro de 1970, na cidade de São Francisco na Califórnia. Desde a infância o escritor se mostrou um leitor voraz e tem William Keepers Maxwell Jr. como autor favorito. Handler formou-se em 1992 pela Universidade de Wesleyan, e no mesmo ano ganhou o *Connecticut Student Poet Prize*. Casado com a artista gráfica Lisa Brown, a qual conheceu na época da faculdade, Handler tem um filho e atualmente reside em uma antiga casa vitoriana na sua cidade natal, São Francisco.

Após se formar o autor voltou para sua cidade natal e trabalhou como assistente administrativo e escritor em um programa de rádio local. Nesse meio tempo Handler escreveu um livro antes de se mudar para a cidade de Nova York, onde

¹As informações da sessão foram retiradas das seguintes fontes:

"Daniel Handler." *Britannica Academic*, Encyclopæda Britannica, 25 Jan. 2017. Disponível em: <academic-eb-britannica.ez20.periodicos.capes.gov.br/levels/collegiate/article/Daniel-Handler/476081>. Acesso em 17 jul. 2017.

Página do autor no site da editora Companhia das Letras. Disponível em:

<<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01295>>. Acesso em 17 jul. 2017

Site oficial do autor. Disponível em: <<http://www.danielhandler.com/>>. Acesso em 17 jul. 2017.

começou a trabalhar como revisor de filmes e lendo manuscritos para um agente literário.

Além de escrever Handler esteve em duas bandas depois da faculdade, *The Edith Head Trio* e *Tzamboni*, porém somente em “69 Love Songs” um conjunto de três álbuns da banda *The Magnetic Fields* que a sua música chamou atenção. Ele tocou acordeão em diversas faixas de *69 Love Songs*. Após participar dos álbuns de algumas bandas com o som do seu acordeão, a banda *The Gothic Archies* lançou um álbum com treze músicas dos treze audiolivros de *Desventuras em Série* em 2006.

2.2.2 Histórico e Obras

Daniel Handler possui vários livros publicados, inúmeros exemplares vendidos e várias traduções ao redor do mundo. Além de escrever obras e publicá-las com o seu nome na autoria ele também criou um heterônimo, Lemony Snicket, sob o qual são publicados os seus livros infantojuvenis.

Lemony Snicket é um personagem complexo e aparece a primeira vez na publicação seriada “*A Series Of Unfortunate Events*” (*Desventuras em Série* no Brasil, e mesmo após o fim das narrativas da saga, Snicket continua suas aventuras em mais uma série, “*All The Wrong Questions*” publicada no Brasil sob o título “Só Perguntas Erradas”, e outras publicações não seriadas.

Antes de conseguir que a publicação do seu primeiro livro “*The Basic Eight*” ocorresse em 1998, seu manuscrito foi rejeitado 37 vezes pelas mais diversas editoras. O autor possui 8 obras publicadas sob o seu nome real, incluindo *The Basic Eight*, e apenas um possui publicação no Brasil:

- 1 *The Basic Eight* (1998);
- 2 *Watch Your Mouth* (2000);
- 3 *Adverbs* (2006);
- 4 *Why We Broke Up* (2011), publicado no Brasil sob o título “Por Isso A Gente Acabou” em 2012;
- 5 *We Are Pirates* (2015);
- 6 *All The Dirty Parts* (2017).

Lemony Snicket por sua vez possui 33 obras publicadas até o momento. As publicações seriadas *A Serie Of Unfortunate Events* (“Desventuras em Série” no Brasil) que possui 13 volumes publicados entre 1999 e 2006, e a série *All the Wrong Questions* (“Só Perguntas Erradas”, título nacional) que possui 5 volumes e foram publicadas entre 2011 e 2015, são complementares sendo a última um *prequel* da primeira obra.

Outras obras não seriadas escritas por Snicket são:

1 *113 Words* (13 Palavras), 2010;

2 *The Baby in the Manger*, 2002;

3 *The Composer is Dead* (O compositor está morto), 2009;

4 *Horseradish: Bitter Truths You Can't Avoid* (Raiz-Forte – Verdades amargas que você não deveria evitar), 2007;

5 *The Latke Who Couldn't Screaming* (O Latke Que não Parava de Gritar), 2007;

6 *The Lump of Coal* (2004);

7 *New American Haggadah*;

8 *The Dark* (O Escuro).

No Brasil as obras do autor possuem os direitos de publicação comprados pela editora Companhia das Letras.

2.2.3 O que é Desventuras em Série?

Desventuras em Série é uma série de treze livros voltados para o público infantojuvenil escrito por Daniel Handler através do heterônimo Lemony Snicket, que além de autor/narrador é um personagem indireto da trama.

O autor decidiu escrever uma história infantil quando estava tentando lançar o seu primeiro romance, “*The Basic Eight*”, que foi recusado pela editora HarperCollins pois estava buscando uma história para o público infantil, e desafiaram o autor a escrever algo que ele pudesse ter lido quando tivesse 10 anos.

Em 30 de setembro de 1999 ocorreu o lançamento do primeiro livro “Mau Começo” e durante uma entrevista² para Nadine Epstein editora da revista *Moment Magazine* o autor foi questionado sobre os irmãos Baudelaire serem judeus, devido à própria herança judaica do autor, o mesmo respondeu: “Ah sim! Sim. Os Baudelaire são judeus! Acho que não tem como termos certeza, as confirmar com firmeza, não só por sua maneira, mas pela menção ocasional de um rabino ou bar mitzvah ou sinagoga. O leitor cuidadoso encontrará alguns rabinos” (*Moment Magazine*, 2007, tradução nossa).

Durante a mesma entrevista o autor revela sobre a origem do nome Lemony Snicket e a inspiração para a criação da série e nome dos seus personagens. Aqui temos a reprodução parcial da entrevista dada por Handler a revista norte-americana (Quadro1) :

Quadro1

Entrevistador- De onde veio o nome Lemony Snicket?

Handler- Eu estava fazendo uma pesquisa para o meu primeiro romance *The Basic Eight* (a história de uma menina do ensino médio em San Francisco, seus sete amigos íntimos e um mundo virado de cabeça para baixo por segredos revelados, autodescobertas horripilantes e assassinato satânico) e eu estava ao telefone com uma organização religiosa de direita. Eu queria que eles me enviassem um material para que eu pudesse usar na minha pesquisa, mas não queria estar permanentemente em sua lista de endereços. Eles me perguntaram meu nome e eu abri a boca e disse “Lemony Snicket”. Achei que não era um nome que necessariamente alguém acreditaria. Mas a pessoa do outro lado do telefone disse ‘Isso é escrito como soa?’. O que pode ou não provar algo sobre organizações religiosas.

Entrevistador- O que te inspirou a começar a escrever Desventuras em Série?

Handler- Eu pensei que seria interessante que coisas terríveis

²Entrevista da revista *Moment Magazine*. Disponível em:

<<https://web.archive.org/web/20110726173206/http://momentmag.com/moment/issues/2007/02/200702-Handler.html>>. Acesso em: 02 de agosto de 2017.

acontecessem a três crianças indefessas uma vez ou outra.

Entrevistador- Por que você deu o nome de Baudelaire a sua família de protagonistas?

Handler- Porque eu gosto do poeta Charles Baudelaire, cuja obra mais famosa é *The Flowers of Evil*, um ciclo de poemas que discute circunstâncias terríveis e a beleza que podemos encontrar nelas.

Entrevistador- Onde você encontrou os nomes – Violet, Klaus, Sunny e Olaf?

Handler- Há todos os tipos de antecedentes para os nomes que escolhi para as pessoas, mas também pensei que seria interessante elaborar um cenário para o livro que seja um pouco ambíguo. Violet é um nome bastante britânico; Klaus é um nome bastante alemão; Sunny é um nome bastante americano, e Olaf é um nome bastante escandinavo, e isso cria certa confusão.

Entrevistador- Por que os adultos em *Desventuras em Série* não podem reconhecer o mal, mesmo quando estão embaixo do seu nariz?

Handler- Pelo mesmo motivo que os adultos não podem reconhecer o mal na vida real: eles são corruptos ou fracos.

Entrevistador - Quais livros e autores infantis recomendaria?

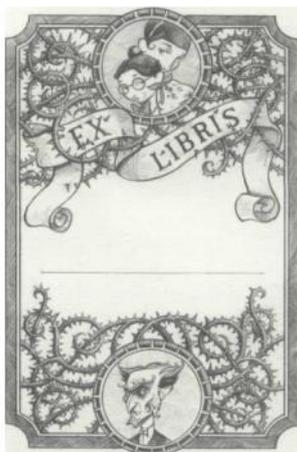
Handler- Quando eu era criança, meu livro favorito absoluto era *The Bear's Famous Invasion of Sicily* de Dino Buzzati. Eu também gosto dos livros de Roald Dahl, Edward Groey e Zilpha Keatley Snyder.

Essa entrevista nos mostra um pouco sobre as referências utilizadas pelo autor, suas inspirações e de certa forma a necessidade de atenção durante a leitura para que todas as referências implícitas sejam captadas.

2.2.4 Fragmentação da Série

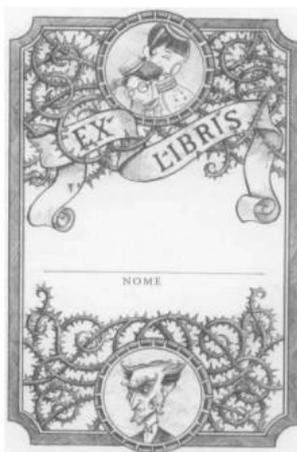
Inicialmente todas as obras possuem um “*Ex-Líbris*” na sua primeira página após a capa, para que o dono da obra possa determinar a sua posse, em cada volume da série a *Ex-Líbris* possui a sua ilustração modificada e revelam um pouco do enredo que será encontrado.

Figura 1-Ex-Líbris do livro 1 da série, Mau começo.



Fonte: Mau começo, 2001.

Figura 2-Ex-Líbris do livro 12 da série, O penúltimo perigo.



Fonte: O penúltimo perigo, 2006.

As diferenças nas ilustrações podem ser mínimas entre uma e outra, e sendo repetidas apenas no primeiro, no segundo e no último livro. Onde temos os jovens Baudelaire e o Conde Olaf representados sem nenhum tipo de disfarce.

Além das ilustrações após a capa do livro o autor escreve uma carta para o leitor na contracapa de todas as obras, essas cartas tem o intuito de fazer com que o leitor desista de prosseguir com a leitura da, como ele mesmo diz, “infeliz história de três crianças muito sem sorte”. Por ser uma obra seria composta por treze livros nesta seção temos um breve resumo de cada obra através dessas “cartas publicadas” pelo próprio Lemony Snicket.

a) Mau começo

Caro Leitor,
Sinto muito dizer que o livro que você tem em mãos é bastante desagradável. Conta a infeliz história de três crianças muito sem sorte. Apesar de encantadores e inteligentes, os irmãos Baudelaire levam uma vida esmagada por aflições e infortúnios. Logo no primeiro capítulo as crianças estão na praia e recebem uma trágica notícia. A infelicidade segue os seus passos, como se eles fossem imãs que atraíssem desgraças.
Neste pequeno volume, os três jovens têm que lidar com um repulsivo vilão dominado pela cobiça, com roupas que pinicam o corpo, um incêndio calamitoso, um plano para roubar uma fortuna deles e mingau frio servido como café da manhã.
É meu triste dever pôr no papel essas histórias lamentáveis. Mas não há nada que o impeça de largar o livro imediatamente e sair para outra leitura sobre essas coisas alegres, se é isso que você prefere.
Respeitosamente,
Lemony Snicket. (SNICKET, 2001).

b) A Sala dos Répteis

Caro Leitor,
Se você esperava encontrar uma história tranquila e alegre, lamento dizer que escolheu o livro errado. A história pode parecer animadora no início, quando os meninos Baudelaire passam o tempo em companhia de alguns répteis interessantes e de um tio alto-astral, mas não se deixem enganar. Se vocês têm uma leve noção da incrível má sorte dos irmãos Baudelaire, já sabe que, no caso deles, até mesmo acontecimentos agradáveis acabam sempre em sofrimento e desgraça.
Nas páginas que você tem em mãos, as três crianças sofrem um acidente de carro, vêem-se às voltas com uma serpente mortífera, um cheiro pavoroso, um facão enorme e o reaparecimento de uma pessoa que esperavam nunca mais ver.
Infelizmente, é meu dever pôr no papel esses trágicos episódios. Mas nada impede que você coloque este livro de volta na estante e procure algo mais leve.
Respeitosamente,
Lemony Snicket. (SNICKET, 2001).

c) O lago das sanguessugas

Caro Leitor,

Se você ainda não leu nada sobre os órfãos Baudelaire, é preciso que antes mesmo de começar a primeira frase deste livro fique sabendo o seguinte: Violet, Klaus e Sunny são legais e superinteligentes, mas a vida deles, lamento dizer, está repleta de má sorte e infelicidade. Todas as histórias sobre essas três crianças são uma tristeza e uma verdadeira desgraça, e a que você tem nas mãos talvez seja a pior de todas.

Se você não tem estômago para engolir uma história que inclui um furacão, uma invenção para sinalizar pedidos de socorro, sanguessugas famintas, caldo frio de pepinos, um horrendo vilão e uma boneca chamada Perfeita Fortuna, é provável que se desespere ao ler este livro.

Continuarei a registrar essas histórias trágicas, pois é o que sei fazer. Cabe a você, no entanto, decidir se verdadeiramente será capaz de suportar esta história de horrores.

Respeitosamente,

Lemony Snicket. (SNICKET, 2001).

d) Serraria Baixo-Astral

Caro Leitor,

Para o seu bem, espero que ao escolher este livro você não tenha sido movido pelo desejo de uma leitura agradável. Se seu desejo era esse, aconselho que feche o livro imediatamente, pois, de todos os volumes que contam a vida infeliz dos órfãos Baudelaire, SERRARIA BAIXO-ASTRAL talvez seja o mais triste até agora. Violet, Klaus e Sunny Baudelaire são mandados a Paltryville para trabalhar numa serraria, e ali, lamento informar, deparam-se com coisas terríveis, tais como uma gigantesca pinça mecânica, bifés do tipo sola de sapato, uma hipnotizadora, um horrível acidente que causará ferimentos e um homem com uma nuvem de fumaça no lugar da cabeça.

Prometi escrever a história completa dessas três pobres crianças, mas você não fez nenhuma promessa de lê-la. Portanto, se preferir histórias mais confortadoras, não tenha cerimônia: sinta-se inteiramente livre para fazer outra escolha.

Respeitosamente,

Lemony Snicket. (SNICKET, 2002).

e) Inferno no colégio interno

Caro Leitor,

Se você está em busca de uma história sobre jovens animados que se divertem a valer num internato, bateu na porta errada. Violet, Klaus e Sunny Baudelaire são inteligentes e engenhosos, e você talvez imagine que eles se saíam muito bem no colégio. Mas não foi o caso. Para os Baudelaire, o colégio veio a ser mais um desastroso episódio em suas vidas infelizes. Para dizer a verdade, nos capítulos que constituem esta história pavorosa, eles enfrentam caranguejos que mordem, exames hiper-rigorosos, castigos duríssimos, fungos gotejantes, recitais de violinos, exercícios de D.O.R. e o sistema métrico.

É minha solene obrigação passar a noite inteira pesquisando e escrevendo a história dessas três crianças desgraçadas. Quanto a você, entretanto, nada impede que se entregue a uma bela noite de sono tranquilo. Para conseguir isso, eu sugeriria: escolha um outro livro.

Respeitosamente,
Lemony Snicket. (SNICKET, 2002)

f) O elevador ersatz

Caro Leitor,
Se você acaba de pegar este livro para ler, então não é tarde demais para colocá-lo de volta na estante. Como os livros anteriores dessas DESVENTURAS EM SÉRIE, não há nada para se encontrar nestas páginas a não ser desgraças, desespero e mal-estar, e você ainda está em tempo de escolher alguma outra coisa.
Nos capítulos desta história, Violet, Klaus e Sunny Baudelaire encontram uma escadaria escura, um arenque vermelho, alguns amigos em situação desesperada, três iniciais misteriosas, um mentiroso com um plano sinistro, uma passagem secreta e refrigerante de salsa. Jurei pôr no papel essas histórias dos órfãos Baudelaire para que o grande público venha a saber de cada uma das coisas terríveis que aconteceram com eles, mas se em vez disto você decidir ler alguma outra coisa, irá poupar-se de uma montanha de horrores e desgostos.
Respeitosamente,
Lemony Snicket (SNICKET, 2003).

g) A Cidade Sinistra dos Corvos

Caro Leitor,
Com certeza você pegou este livro por engano, portanto por favor ponha-o de lado. Ninguém em juízo perfeito leria intencionalmente um livro sobre a vida de Violet, Klaus e Sunny Baudelaire, pois cada momento tenebroso de sua permanência na cidade de C.S.C. foi registrado nestas páginas de modo fiel e assustador.
Não consigo pensar em uma única razão por que alguém abriria um livro que contém assuntos tão desagradáveis como corvos migrantes, uma turba irada, uma manchete de jornal, a prisão de pessoas inocentes, a Cela de Luxo e alguns chapéus muito esquisitos.
É minha solene e sagrada ocupação pesquisar cada detalhe da vida das crianças Baudelaire e pôr no papel. Mas você pode preferir fazer alguma outra coisa solene e sagrada, como ler um outro livro no lugar deste.
Respeitosamente,
Lemony Snicket (SNICKET, 2003).

h) O hospital hostil

Caro Leitor,
Antes de atirar no chão este livro horroroso e se afastar dele tanto quanto possível, talvez seja melhor entender por que você deve fazer isso. Este é o único livro que descreve até o último detalhe a miserável estadia das crianças Baudelaire no Hospital Heimlich — e isso faz dele um dos livros mais tenebrosos do mundo.
Existem muitas coisas agradáveis de ler; este livro não contém nenhuma delas. Em suas páginas, há elementos lamentáveis, tais como um desconfiadíssimo dono de armazém, uma cirurgia desnecessária e fatal, um sistema de intercomunicadores, anestesia, balões em forma de coração e uma

notícia muito surpreendente sobre um incêndio. É claro que você não vai querer ler sobre essas coisas.

Jurei pesquisar esta história e escrevê-la o melhor que pudesse. Portanto, é natural que eu saiba que este livro deve ser largado agora mesmo no chão, onde provavelmente você o encontrou.

Respeitosamente,

Lemony Snicket (SNICKET, 2004).

i) O espetáculo carnívoro

Caro Leitor,

O adjetivo "carnívoro", que aparece no título deste livro, significa "comedor de carne", e isso já é suficiente para você interromper a leitura desde já. Este volume carnívoro contém uma história tão perturbadora que irá revirar o seu estômago muito mais do que a mais desbalanceada das refeições.

Para evitar causar desconforto em você, seria melhor eu não mencionar nenhum dos enervantes ingredientes desta história, especialmente um mapa confuso, uma pessoa ambidestra, uma multidão indócil, uma prancha de madeira e Chabo, o Bebê-Lobo.

Infelizmente para mim, todo o meu tempo está preenchido por pesquisas e registro das vidas desagradáveis e desencantadas dos órfãos Baudelaire. Já o seu tempo poderia ser mais bem aproveitado com alguma coisa mais palatável, por exemplo comer legumes ou alimentar outra pessoa com eles.

Respeitosamente,

Lemony Snicket (SNICKET, 2004).

j) O escorregador de gelo

Caro Leitor,

Assim como apertos de mão, cães e cenouras cruas, muitas coisas são melhores quando não são escorregadias. Neste volume, receio que Violet, Klaus e Sunny Baudelaire enfrentem um amontoado de escorregadelas durante sua lamentável jornada pelas Montanhas de Mão-Morta.

Seria melhor não mencionar os desagradabilíssimos detalhes da história — em especial uma mensagem secreta, um tobogã, uma armadilha, um enxame de mosquitos da neve, um vilão maquinador de planos maléficos, um bando de jovens organizados e o sobrevivente de um terrível incêndio.

Para meu grande azar, dediquei minha vida a registrar a triste história dos Baudelaire. Mas não há razão para você também se dedicar a uma atividade tão ignóbil; seria melhor deixar este livro escorregar de suas mãos para dentro de uma lixeira ou de um poço bem fundo.

Respeitosamente,

Lemony Snicket. (SNICKET, 2004).

k) A Gruta Gorgônea

Caro Leitor,

A menos que você seja uma lesma, uma anêmona-do-mar ou um fungo, provavelmente prefere não ficar úmido. Também pode ser que prefira não ler este livro, em que os irmãos Baudelaire descem para as profundezas do desespero subaquático, onde encontram bastante umidade.

Os horrores com que eles se deparam lá embaixo são tantos e tão horríveis — como uma busca desesperada por algo perdido, um monstro mecânico,

cogumelos, uma perturbadora mensagem de um amigo desaparecido e uma apresentação de sapateado — que é impossível enumerar ou sequer mencionar.

Como autor dedicado que jurou registrar a deprimente história dos Baudelaire, preciso continuar me aprofundando profundamente nas profundezas cavernosas das vidas dos órfãos. Mas você pode se aprofundar na leitura de um livro mais alegre e evitar que seus olhos e seu humor se afoguem.

Respeitosamente,
Lemony Snicket (SNICKET, 2005).

l) O penúltimo perigo

Caro Leitor,

Se este é o primeiro livro que você encontrou enquanto procurava o próximo livro para ler, então a primeira coisa que precisa saber é que este livro próximo-ao-último é o que você deve pôr de lado primeiro. Infelizmente, este livro apresenta a crônica próxima-à-última da vida dos órfãos Baudelaire, e é próxima-à-primeira em sua oferta de miséria, desespero e desprazeres.

Provavelmente as coisas próximas-à-última a respeito das quais você gostaria de ler são um lançador de arpões, um salão de bronzamento em uma cobertura, duas iniciais misteriosas, três trigêmeos não identificados, um notório vilão e um curry insípido.

As coisas próximas-à-última são as primeiras a serem evitadas, portanto permita-me recomendar que você ponha este livro próximo-ao-último de lado primeiro, e encontre alguma outra coisa para ser a próxima a ler, para que este livro próximo-ao-último não se torne o último livro que você lerá.

Respeitosamente,
Lemony Snicket. (SNICKET, 2006).

m) O fim

Caro Leitor,

Você provavelmente está olhando para a quarta capa deste livro, ou para o fim de O FIM. O fim de O FIM é o melhor lugar para se começar O FIM, porque, se você ler O FIM desde o começo do começo de O FIM até o fim do fim de O FIM, vai chegar ao fim do fim de suas esperanças.

Este livro é o último de uma longa Série de Desventuras, e, ainda que tenha enfrentado corajosamente os doze volumes anteriores, você não irá aguentar tanta desgraça como uma tempestade bravia, uma bebida suspeita, um bando de ovelhas selvagens, uma gaiola de passarinho gigante e ornamentada, e um segredo de fato assustador sobre os pais dos Baudelaire.

A minha mais solene ocupação tem sido investigar e narrar a história dos órfãos Baudelaire, e finalmente cheguei ao fim. Você provavelmente se dedica a outra coisa na vida, então sugiro que largue este livro imediatamente, para que O FIM não acabe com você.

Com todo o respeito,
Lemony Snicket. (SNICKET, 2006).

2.3 Elementos da Biblioteconomia

A Biblioteconomia teve seu surgimento devido à necessidade crescente do controle das informações registradas após a Revolução Industrial, Oliveira (2005, p. 10) diz:

Com a Revolução Industrial deflagrada em toda a Europa e nos Estados Unidos, no final do século XIX, a quantidade de informações registradas cresceu de forma assustadora, e várias tentativas foram feitas para realizar um levantamento bibliográfico universal. A iniciativa mais importante foi assumida pelos advogados belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine, que acreditavam poder solucionar o problema que era o de levar ao conhecimento de cientistas e interessados toda a literatura científica e todos os produtos do conhecimento gerados no mundo. Para isso planejaram a criação de uma biblioteca universal a fim de divulgar, em fichas, os dados bibliográficos relativos a todos os documentos indexados. A biblioteca universal seria de referência dos produtos e não da reunião de acervos. Para coordenar tais atividades foi criado o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), que começou a criar ferramentas para registrar, de forma sistemática e padronizada, as referências dos documentos.

Após esse momento histórico e inicial da Biblioteconomia, várias técnicas foram criadas, revistas e aprimoradas para termos todos os recursos que temos atualmente. Até mesmo o conceito de Biblioteconomia passou por várias discussões ao longo do tempo; Le Coadic (2004, p.14) a define como a união de duas palavras, biblioteca e economia (no sentido de organização administração, gestão), a biblioteconomia não é uma ciência, nem uma tecnologia rigorosa, mas uma prática de organização: a arte de organizar bibliotecas.

Existem outras conceituações sobre a Biblioteconomia, como a de Fonseca (2007, p. 1), que pode ser considerada um pouco formal ou ultrapassada se pensarmos nas novas áreas abrangidas pela biblioteconomia.

A palavra biblioteconomia é composta por três elementos gregos- *biblion* (livro) + *théke* (caixa) + *nomos* (regra) – aos quais juntou-se o sufixo *ia*. Etimologicamente, portanto, biblioteconomia é o conjunto de regras de acordo com as quais os livros são organizados em espaços apropriados: estantes, salas, edifícios.

Dentro da Biblioteconomia existem vários aspectos e elementos que são característicos da área, porém os elementos analisados serão o livro, que pode ser considerado o objeto de estudo da biblioteconomia se for pensado em uma abordagem

menos atual, a biblioteca que é o espaço onde temos a guarda desse “objeto de estudo” e o bibliotecário, que é o profissional que pensamos estar apenas dentro das bibliotecas.

2.3.1 O livro

O livro é utilizado até hoje como um dos principais suportes de informação; apesar do desenvolvimento tecnológico e a criação de outros suportes de informação, o livro e a informação impressa predominam na preferência e utilização da recuperação da informação. Outros suportes desenvolvidos são de certa forma mais práticos e nos dão acesso às informações de forma mais rápida e em qualquer lugar, sem a necessidade de busca em fontes impressas.

A história desse suporte da informação até o formato que conhecemos hoje começa com a criação da escrita, porém Fonseca (2007, p. 21) diz que tanto em línguas neolatinas como nas anglo-saxônicas a etimologia da palavra livro indica o material com que se fabricava o papel na antiguidade, isto é, a entrecasca de certos vegetais que, transformam em pasta, adquire a forma laminada.

Se utilizarmos essa forma de disposição do material podemos definir o surgimento do livro no século I d.C. onde o códice surge como suporte de texto escrito, deixando de lado a forma de rolo.

A segunda principal montagem tradicional do texto escrito é o códice, cuja popularização ocorreu no século I d. C. Sua operação resolvia muitas limitações do rolo, especialmente a possibilidade de iniciar a leitura de qualquer ponto e poder recorrer a vários trechos do texto com rapidez. Já se utilizavam tábuas empilhadas e unidas de um modo que lembra o formato de um códice. A substituição das tábuas de argila por folhas de pergaminho ou papiro foi um desenvolvimento natural. (SIMÕES, 2008, p.30)

A evolução da tecnologia para o suporte escrito leva então à disseminação do livro dentro da sociedade. E a revolução tecnológica trouxe uma questão sobre o futuro desse suporte e da forma como os livros são vistos atualmente.

É óbvio que um magistrado levará mais confortavelmente para sua casa as 25 mil páginas de um processo em curso se elas estiverem na memória de um e-book. Em diversos domínios, o livro eletrônico proporcionará um conforto extraordinário. Continuo simplesmente a me perguntar se, mesmo com a tecnologia mais bem adaptada às exigências da leitura, será viável ler *Guerra e paz* num e-book. Veremos. Em todo caso, não poderemos mais ler os Tolstói e todos os livros impressos na pasta de papel, pura e simplesmente porque eles já começaram a se desfazer em nossas estantes. Os livros da

Gallimard e da Vrin dos anos 1950 já desapareceram em grande parte. A *filosofia na Idade Média*, de Gilson, que me foi tão útil na época em que eu preparava minha tese, não posso sequer folheá-lo hoje em dia. As páginas literalmente quebram. Eu poderia comprar uma nova edição, claro, mas é à velha que sou afeiçoado, com todas as minhas anotações em cores diferentes compondo a história das minhas diversas consultas. (ECO, 2010 p. 17).

Isso mostra que apesar do suporte para o livro ter evoluído, o prazer e a necessidade do livro são incontestáveis para a sociedade, independente do formato no qual esteja, o livro tem um papel fundamental.

2.3.2 A biblioteca

Não é possível determinar quando e onde se deu o surgimento das bibliotecas, “A história da biblioteca é a história do registro da informação, sendo impossível destacá-la de um conjunto amplo: a própria história do homem” (MILANESI, 1983, p.16).

Fonseca (2007) diz que formação da palavra biblioteca vem do grego *bibliothéke*, através do latim *bibliotheca*, tendo como raiz *biblíon* e *théke*, a primeira significa livro e a segunda (*théke*) por sua vez é qualquer estrutura que forma um invólucro protetor: cofre, estojo, caixa, estante, edifício. De certa forma esse conceito literal da palavra biblioteca se perpetuou por muito tempo dentro do imaginário de muitas pessoas que enxergavam as bibliotecas como locais inatingíveis.

Ainda sobre a conceituação da biblioteca, Fonseca (2007, p. 50) nos dá um novo conceito sobre a biblioteca atual:

O conceito que venho propondo é o de biblioteca menos como “coleção de livros e outros documentos, devidamente classificados e catalogados” do que como *assembleia de usuários de informação*. Consequentemente, compete ao bibliotecário não mais classificar e catalogar livros – operações realizadas por um serviço central e cooperativo devidamente computadorizado – e sim orientar os usuários, fornecendo-lhes a informação que seja do interesse de cada um.

As bibliotecas atualmente perderam então o “status de guardiões” e se tornaram unidades de informação, onde qualquer pessoa pode ir e buscar informações que sejam necessárias para seu uso em determinadas situações.

A biblioteca é um organismo vivo a serviço da comunidade; nela, obtemos respostas às nossas mais diversas indagações. O lugar de destaque que ela

ocupa no mundo atual decorre da importância que a informação tem para cada sociedade. Assim, a biblioteca participa do aprimoramento intelectual, humanístico, técnico e científico de todos os segmentos sociais (ARAUJO; OLIVEIRA, 2005, p. 42).

O avanço das tecnologias e desenvolvimento da informática trouxe desafios a serem enfrentados pelas bibliotecas, pois devido a toda facilidade de acesso a informação dentro da sociedade atual o número de usuários dentro dessas unidades vem diminuindo, e a inovação e a forma com que os serviços são prestados tendem a ser alternativas para que as bibliotecas continuem a ser frequentadas.

A biblioteca e a Ciência da Informação lidam, mais comumente, com a classificação dos conhecimentos que estão registrados nos mais diversos suportes. Assim, nas Bibliotecas e Unidades de Informação, os documentos são classificados e agrupados conforme os assuntos de que tratam. Para esta tarefa específica existem sistemas de classificação bibliográfica que visem à organização de documentos, com o intuito de facilitar o acesso dos usuários à informação contida em seus respectivos acervos (ARAUJO; OLIVEIRA, 2005, p.40)

2.3.3 O bibliotecário

Mesmo sem ter uma definição exata para o surgimento das bibliotecas pode-se dizer que com o seu surgimento apareceu um novo profissional, o bibliotecário. Pode-se não ter surgido com essa denominação atual, porém esse profissional tende a estar na biblioteca partindo do princípio de que o bibliotecário pode ser definido, segundo Fonseca (2007), como “a pessoa que exerce uma atividade em biblioteca”.

No Brasil o Ministério do Trabalho e Emprego, segundo a sua classificação, dá o título de profissional da informação a bibliotecários, documentalistas e analistas de informação e descreve as características da ocupação como:

Disponibilizam informações em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria. (BRASIL, 2002, s.p).

Deste modo, a atuação do profissional da informação tem sido alvo de vários estudos. No que diz respeito à legislação da área de Biblioteconomia, a Lei nº 4.084 de 30 de junho de 1962, que regula o exercício profissional do

bibliotecário. Apesar do avanço das tecnologias, o bibliotecário continua assumindo o papel de intermediador entre a informação e o usuário, tornando assim imprescindível a atuação deste profissional, no processo de tratamento e busca da informação, em todos os meios, seja ele convencional ou virtual.

2.4 O Bibliotecário na formação de leitores

A informação é um direito garantido por lei para todo e qualquer cidadão. Araújo (2001, p. 32) salienta que a construção da cidadania ou de práticas de cidadania passa necessariamente pela questão de acesso/uso de informação, pois tanto a conquista dos direitos políticos como dos direitos civis e sociais depende do livre acesso a informação. E além possui um papel social de democratização de direitos e deveres a informação tem o seu papel educativo através da leitura.

Por ter a informação esse poder também educativo, o bibliotecário que tem como principal instrumento de trabalho a própria informação, tende a ser um incentivador de leitores nato.

Tendo em vista que o bibliotecário trabalha com um dos mais poderosos instrumentos de desenvolvimento das potencialidades humanas, que é a informação, é pertinente que ele se volte para desempenhar a sua função social como um agente democratizador da informação, por meio da sua ação mediadora da informação com a sociedade. Agindo como um educador liberal contribuindo no processo de aprendizagem dos indivíduos através das mais diversas formas de leitura (SILVA; LENDENGUE, 2010, p. 94).

No entanto existe a necessidade de que o bibliotecário que venha a trabalhar com a mediação de leitura tem que se sentir à vontade com isso e está preparado para as possíveis dificuldades que vai encontrar devido à falta de incentivo ao segmento de mediadores de leitura.

O fomento à leitura, à formação de leitores e à formação de mediadores de leitura é um caminho longo a ser percorrido. Essa caminhada fica menos árdua quando apresenta paradouros em que se observam pessoas lendo distintos materiais de leitura, desejando compartilhar temas, recursos de linguagem, e, ainda, construir significados colaborativamente. É uma forma eficiente de ampliar a curiosidade pela descoberta dos mundos existentes no interior de cada texto, de cada livro em particular, ou mesmo de conteúdos apresentados em outros suportes não tradicionais, como as revistas em quadrinhos, os mangás, os textos impressos que importam o formato hipertextual próprio da linguagem informatizada (SANTOS *et al.*, 2009, p.14).

Sabendo que a sala de aula não é o único lugar de aprendizagem, o bibliotecário pode e deve abrir o espaço da biblioteca [...], visando fomentar o processo de aprendizagem significativa baseada na prática de leitura (SILVA; LENDENGUE, 2010, p. 94). Mesmo ciente desta situação, de que a leitura fora da sala de aula é de grande importância para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes ainda existe uma grande dificuldade para que projetos e ações de incentivo a leitura se perpetuem dentro das bibliotecas e fora delas.

As bibliotecas escolares que muitas vezes poderiam fazer esse papel de local para incentivo da leitura e ponto de acesso a essas informações não são utilizadas da forma correta, às vezes por falta de acervo e outras vezes por falta de incentivo dos professores para a utilização do local extraclasse.

Esse cenário, pode-se dizer, se deve, em grande parte, ao fato de professores, dirigentes de escola, responsáveis por bibliotecas escolares e municipais em número não definido, mas amplo não estarem preparados para reconhecer a riqueza que esses materiais representam, nem de avaliar o quanto podem contribuir para a construção da interioridade daqueles que tiveram a oportunidade de manuseá-los. Não consideram o ato de ler como processo de significação de textos representativos de distintos gêneros textuais, entre os quais assumem importância ímpar aos literários. Conseguem viver e sobreviver nos diferentes grupos a que pertencem sem terem consciência da necessidade de interpretar ideais que possam contribuir significativamente no processo de constituição do sujeito enquanto leitor e, conseqüentemente, do cidadão leitor (SANTOS *et al*, 2009, p.14).

O bibliotecário por ser, como já foi dito, um profissional que trabalha diretamente com informação possui habilidades que podem facilitar o seu papel na mediação da leitura, claramente que a sua formação deve ser direcionada para tal feito, porém é inegável a sua predileção para desempenhar tal papel.

O bibliotecário como mediador de leitura tem plena consciência do seu papel, que é incentivar a leitura, facilitando a relação ente o leitor e o texto. Mas para tanto, este mediador precisa ter uma formação continuada, para estar atento às multiplicidades culturais e preparado para lidar com a variância de contextos sociais que mescla cada leitor, sem preconceitos e elitização (SILVA; LENDENGUE, 2010, p. 95).

3 METODOLOGIA

A pesquisa apresentada possui aspecto qualitativo quanto a sua abordagem, exploratória, pois seus objetivos são definidos de tal forma, bibliográfica decorrente dos procedimentos utilizados para a obtenção de informações e também utilizará a análise de conteúdo para tratamento dos dados.

A obra seriada *Desventuras em Série* foi a principal fonte de informação utilizada na pesquisa, de onde foram retirados os fragmentos que estão relacionados com os elementos de estudo da Biblioteconomia, essa análise se deu a partir da ligação dos trechos com as definições dadas sob determinado tema por autores que sejam referência, tais definições foram extraídas de livros, periódicos e artigos impressos ou não.

O critério para que a citação fosse utilizada para análise se deu por conta da ligação com os elementos: livro, biblioteca e bibliotecário.

Sobre a forma de obtenção de informações Fonseca diz:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Toda a pesquisa teve sua base em material escrito, em sua maioria livros e artigos, sendo publicados de forma impressa ou não. Gil, diz:

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado na internet (GIL, 2010, p. 29).

Existem várias vantagens e desvantagens que devem ser consideradas ao escolher fazer uma pesquisa bibliográfica. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta

vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 2009, p. 50).

Principalmente com o advento das novas tecnologias e a facilidade de recuperação da informação através da internet, com a possibilidade de se recuperar artigos na íntegra e até mesmo obras completas de forma gratuita, a pesquisa bibliográfica com informações em outras línguas e oriundas de autores de outros países se tornou uma prática facilitada.

Contudo Gil (2009) também alerta que apesar de todas essas vantagens existe uma contrapartida que pode comprometer em muito a qualidade da pesquisa. Muitas vezes as fontes secundárias apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada.

A análise da obra pretende abordar a forma como a representação dos elementos da biblioteconomia está presente na narrativa e se de alguma forma o profissional bibliotecário pode utilizar desse recurso como agente incentivador da leitura. Para que isso seja possível uma revisão de literatura deve ser feita a fim de levantar informações relevantes para a sustentação da hipótese e confirmação dos objetivos.

O objetivo da pesquisa tende a proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato e isso segundo Gil caracteriza de fato a finalidade uma pesquisa exploratória.

Muitas vezes as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla. Quando o tema é escolhido é bastante genérico, tornando-se necessário seu esclarecimento e delimitação, o que exige revisão de literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos. O produto final deste processo passa a ser um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados (GIL, 2009, p. 27).

Quanto à abordagem esta pesquisa não lida com dados que possam ser mensurados, não irá lidar com nenhum tipo de resultado que possa se transformar em estatística posteriormente. Ela pretende explicar, compreender e descrever sobre como o objeto de pesquisa pode ser utilizado por estudantes, profissionais ou curiosos da área de Biblioteconomia na formação de leitores através da literatura infantojuvenil.

Existem dois métodos a serem utilizados, o qualitativo e o quantitativo, mas devido a todas as implicações da pesquisa e a não necessidade de mensuração para que

estapesquisa utilizasse da abordagem qualitativa. Goldenberg (1997, p. 16-17) diz sobre a abordagem qualitativa da pesquisa que:

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências da natureza. Estes pesquisadores se recusam a legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar em leis e explicações gerais. Afirmam que as ciências sociais têm sua especificidade, que pressupõe uma metodologia própria.

Gerhardt e Silveira (2009) ressaltam que os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores, pois os dados analisados são não métricos e se valem de diferentes abordagens.

O desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa é imprevisível, pois o pesquisador é sujeito e objeto de suas pesquisas, de certa forma o seu conhecimento prévio vai entrar durante o processo de construção da pesquisa. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, inspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação.

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno, hierarquização das ações de *descrever, compreender, explicar*, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

No entanto Gerhardt e Silveira (2009) salientam que o pesquisador deve estar atento para alguns limites e riscos da pesquisa qualitativa, tais como: excessiva confiança no investigador como instrumento de coleta de dados; risco de que a reflexão exaustiva acerca das notas de campo possa representar uma tentativa de dar conta da totalidade do objeto estudado, além de controlar a influência do observador sobre o objeto de estudo; falta de detalhes sobre os processos através dos quais as conclusões foram alcançadas; falta de observância de aspectos diferentes sob enfoques diferentes;

certeza do próprio pesquisador com relação a seus dados; sensação de dominar profundamente seu objeto de estudo; envolvimento do pesquisador na situação pesquisada, ou com os sujeitos pesquisados.

A pesquisa lidou com a análise do conteúdo da obra seriada *Desventuras em Série*, utilizando-se das citações onde os elementos da biblioteconomia já discriminados apareçam durante a narrativa. As passagens que se enquadrem na abordagem desejada serão divididas de acordo com o elemento a qual se refere, independente da obra na qual foi citada. “(...) tudo o que é dito ou é escrito é suscetível de ser submetido a uma análise de conteúdo” (P. HENRY; S. MOSCOVICI *apud* BARDIN, 2011).

Dependendo da quantidade de passagens localizadas, ou até mesmo a falta das mesmas, o número de citações utilizadas poderá ser ajustado, não sendo utilizadas todas as citações presentes na obra. De modo geral Bardin (2011, p. 48), define a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimento relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Minayo (2010) salienta que existem vários tipos de análise de conteúdo, sendo algumas: análise lexical, análise de expressão, análise de relações, análise temática e análise de enunciação. A análise de relações por sua vez possui duas principais modalidades, a de co-ocorrência e a estrutural, sendo que a análise de co-ocorrências a técnica a ser utilizada para chegar aos resultados desta pesquisa.

A análise de co-ocorrências procura extrair de um texto as relações entre as partes de uma mensagem e assinala a presença simultânea (co-ocorrência) de dois ou mais elementos na mesma unidade de contexto. Por exemplo, no estudo do discurso de uma doente mental, o analista observa que cada vez que ela define sua situação, a doença aparece vinculada à situação financeira (MINAYO, 2010, p. 310)

A análise de conteúdo, através da análise de relações decoocorrências, permitiu, portanto, fazer a conexão entre a obra e os elementos a serem destacados dentro do estudo da biblioteconomia e possivelmente a formação do leitor tendo o bibliotecário como agente.

Alguns procedimentos para a análise das co-ocorrências serão seguidos, e eles são propostos por Osgood (1959³, apud MINAYO, 2010, p. 310-311): (a) escolha da unidade de registro (essa pode ser uma palavra-chave ou expressão) e sua categorização a que diz respeito; (b) escolha das unidades de contexto (podem ser, por exemplo, parágrafos ou até um texto inteiro) e o seu recorte em fragmentos; (c) busca da presença ou ausência de cada unidade de registro nas unidades de contexto; (d) cálculo de co-ocorrências; (e) representação e interpretação de resultados.

As unidades de registro utilizadas foram **biblioteca, bibliotecário e livro**. Tais unidades foram tratadas categorias, e elementos pertinentes aos mesmos poderão ser encontrados nas unidades de contexto.

³ OSGOOD, C.E. The Representation Model and Relevant Reserch Method. **Trends in Content Analysis**. Urbana: University of Illinois Press, 1959.

4 ANÁLISE DA OBRA DESVENTURAS EM SÉRIE

Esse capítulo apresenta a análise das unidades de registro encontradas durante a narrativa dos treze livros que compõe a série Desventuras em Série. A obra possui muito mais unidades de contexto do que as apresentadas aqui, porém foram selecionadas 41 (quarenta e uma) unidades de contexto para representar de forma geral os elementos da biblioteconomia presente em toda obra.

A obra apresenta as unidades de registro selecionadas um grande número de vezes durante toda sua narrativa, a tabela abaixo apresenta a quantidade de vezes que cada unidade de registro aparece em cada volume que compõe a série:

Tabela 1

Volume/ Unidade de registro	Vol. 1	Vol. 2	Vol. 3	Vol. 4	Vol. 5	Vol. 6	Vol. 7	Vol. 8	Vol. 9	Vol. 10	Vol. 11	Vol. 12	Vol. 13	Total
Biblioteca	32	10	23	29	20	22	30	63	33	34	19	41	48	404
Bibliotecário	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	15	1	19
Livro	92	37	49	66	32	34	57	26	14	69	89	90	146	801

Elaboração própria, 2018.

Dentre a grande quantidade de registros encontrados foram selecionados: 20 (vinte) unidades de contexto que tenham biblioteca como unidade de registro principal, 19 (dezenove) unidades que possuem livro, 2 (duas) que tem o bibliotecário como agente principal.

As unidades de contexto foram selecionadas levando em consideração os aspectos e características inerentes a Biblioteconomia, possuindo um contexto que pode levar o leitor a ter uma nova visão sobre uso, função e importância da biblioteca, do bibliotecário e dos livros.

4.1 Biblioteca como unidade de registro

O quadro a seguir apresenta as unidades de contexto selecionadas onde a biblioteca é o elemento principal.

Quadro 2

Os Boudelaire pais possuíam uma enorme biblioteca em sua mansão, uma sala com milhares de livros sobre todos os assuntos imagináveis (SNICKET, 2001a, p. 11-12).
A sala era uma biblioteca. Não uma biblioteca pública, mas uma biblioteca particular, ou seja: uma grande coleção de livros pertencentes à juíza Strauss. Havia estantes e mais estantes repletas, em todas as paredes, do chão até o teto. E estantes soltas, no meio da sala, muitas delas – o único lugar em que não se viam livros era um dos cantos onde havia poltronas que pareciam bem confortáveis e uma mesa de madeira com pontos de luz projetados sobre ela, perfeitos para a leitura (SNICKET, 2001a, p.40).
“Biblioteca?”, perguntou Klaus, animando-se. “Você tem uma biblioteca?” “Claro”, disse a Tia Josephine. “Onde mais poderia guardar todos os meus livros de gramática?” (SNICKET, 2001c, p. 32).
A biblioteca não era quadrada e nem retangular, como a maioria das salas, mas curva, num formato oval. Uma das paredes dessa sala oval estava dedicada a livros – fileiras e fileiras e fileiras deles, e não havia um só que não fosse de gramática. Havia uma enciclopédia de substantivos colocada numa série de estantes simples de madeira, curvas para se amoldar à parede. Havia volumes muito grossos sobre a história dos verbos, alinhados numa estante metálica que brilhava de tão bem polida. E havia estantes envidraçadas que continham manuais de adjetivos dispostos como se estivessem à venda na vitrine de uma loja e não na casa de alguém. No meio da sala achavam-se poltronas de aparência muito confortável, cada qual com seu respectivo pufe, de modo a permitir que a pessoa esticasse as pernas enquanto lia (SNICKET, 2001c, p. 33).
As bibliotecas sempre tinham esse efeito de fazê-los se sentir melhor, fosse a biblioteca do tio Monty com livros sobre répteis, ou a da tia Josephine com livros de gramática, ou a da juíza Strauss com livros jurídicos, ou, e sobretudo, a biblioteca dos seus pais com toda a sorte de livros – hoje todos queimados, desgraçadamente (SNICKET, 2002a, p.57).

A biblioteca era ampla, arrumada com elegantes estantes de madeira e sofás que pareciam confortáveis, onde as pessoas podiam sentar-se para desfrutar a leitura, e em outra parede estavam enfileiradas pinturas de paisagens, idéias para descanso dos olhos. Ao entrar os Baudelaire fizeram um exame do que havia à sua volta. [...]

“Onde estão os livros?”, perguntou Klaus. “Todas essas estantes elegantes inteiramente vazias!...”

“Esse é o único defeito da biblioteca”, admitiu Charles. “Senhor não quis me dar dinheiro para comprar livros” (SNICKET, 2002a, p.57-58).

“Eu vou tratar de ler sobre esse fungo bege-claro” disse Klaus. “Talvez a biblioteca da ala residencial possa me ajudar a descobrir o que fazer para que ele pare de pingar” (SNICKET, 2002b, p. 39).

Discutiram sobre novos projetos que poderiam desenvolver para melhorar o Barraco dos Órfãos, trataram de novas pesquisas que poderiam realizar na biblioteca e pensaram no que poderiam fazer a respeito do problema de Sunny com os grampos (SNICKET, 2002b, p.103).

“Nós estávamos tentando levantar a história do conde Olaf”, disse Ducan. “A biblioteca da Prufrock tem uma boa coleção de jornais antigos, e pensamos que, se conseguíssemos alguns dos seus planos anteriores, talvez desvendássemos este” (SNICKET, 2002b, p. 144).

“Uau”, disse Klaus. “Já vi bibliotecas públicas, bibliotecas particulares, bibliotecas jurídicas, bibliotecas de répteis e bibliotecas gramaticais, mas nunca uma biblioteca secreta. Que emocionante!” (SNICKET, 2003b, p. 62).

“Bem, existem montes de voluntários em alguma coisa”, retrucou o barbudo. “O que vocês precisam, crianças, é algum tipo de Biblioteca de Registros.”

“Biblioteca de Registros?”, disse Violet.

“Biblioteca de Registros é um lugar onde armazenam informações oficiais”, disse o barbudo. “Em uma Biblioteca de Registro, você pode encontrar uma lista de todas as organizações de voluntários do mundo. Ou então pode procurar o nome dessa pessoa e descobrir se existe algum arquivo sobre ela. Talvez isso possa informar a vocês onde ela trabalhava.” (SNICKET, 2004a, p. 44).

Hal introduziu as crianças em uma sala mal iluminada, com pé-direito muito baixo, tão baixo que os cabelos grisalhos de Hal quase esbarravam no teto. Mas embora a sala não fosse muito alta, ela era enorme. A Biblioteca de Registros se estendia na frente

dos Baudelaire até longe que eles quase não conseguiam ver a parede oposta, nem tampouco as paredes da direita e da esquerda, quando olhavam para os lados. Tudo que conseguiam ver eram grandes arquivos de aço com gavetas metodicamente etiquetadas com descrições das pastas que continham (SNICKET, 2004a, p. 62).

Pode ser estranho saber que havia uma biblioteca debaixo da mesa de madame Lulu, mas com o os órfãos Baudelaire sabiam, existem quase tantos tipos de bibliotecas quanto de leitores. As crianças tinham encontrado uma biblioteca particular na casa da juíza Strauss, de quem sentiam muita falta, e uma biblioteca científica na casa do tio Monty, alguém que nunca mais veriam. Tinham visto uma biblioteca acadêmica na Escola Preparatória Prufrock, e uma biblioteca desfalcada na Serraria Alto-Astral, uma expressão que aqui significa “vazia, não fosse por três livros”. Existem bibliotecas públicas e bibliotecas médicas, bibliotecas secretas e bibliotecas proibidas, bibliotecas de registros e bibliotecas de catálogos de leilão, e existem bibliotecas de arquivos históricos, que é um termo sofisticado para se referir a uma coleção de pastas e documentos em vez de livros. As bibliotecas de arquivos históricos ficam normalmente me universidades, museus e outros lugares silenciosos – tais como embaixo de uma mesa – onde as pessoas possam ir e examinar os papéis que desejarem para encontrar as informações que precisam. Os Baudelaire examinaram demoradamente as enormes pilhas de papéis embaixo da mesa, e perceberam que madame Lulu tinha uma biblioteca de arquivos históricos que bem poderia conter as informações que eles procuravam (SNICKET, 2004b, p. 115-116).

Os Baudelaire sentiram tantas perguntas pipocarem dentro deles que não conseguiam decidir qual delas fazer primeiro. "Mas onde você encontrava as respostas?", perguntou Violet, apontando para as pilhas de papel embaixo da mesa. "De onde vêm todas essas informações?" "A maior parte vem de bibliotecas", disse Olívia, enxugando os olhos. "Se você quer se passar por vidente, precisa ser capaz de responder perguntas, e a resposta para quase todas as perguntas está escrita em algum lugar. O máximo que pode acontecer é levar algum tempo para achá-las. Precisei de bastante tempo para reunir a minha biblioteca de arquivos históricos, e ainda não tenho todas as respostas que andei procurando. Por isso, às vezes eu invento alguma coisa" (SNICKET, 2004b, p. 127).

“Essa é uma das pesquisas mais difíceis que já fiz”, disse Klaus, sentando-se junto ao seu caderno. “A biblioteca da juíza Strauss era confusa, e a biblioteca gramatical da tia Josephine era maçante, mas a biblioteca arrasada de C.S.C. é um desafio maior. Mesmo que eu soubesse que livro estou procurando, ele pode ter se desfeito em cinzas.” (SNICKET, 2004c, p. 198) .

“Depois que vocês entenderem como funciona o Hotel Desenlace, serão capazes de desempenhar suas incumbências com a mesma facilidade com que encontrariam um livro em uma biblioteca. E se vocês sabem como encontrar um livro em uma biblioteca, então já sabem como este hotel funciona” (SNICKET, 2006 p. 61).

“O Hotel Desenlace é organizado de acordo com o Sistema Decimal de Dewey. [...] É o mesmo modo de organização de muitas bibliotecas. Por exemplo, se vocês quisessem encontrar um livro sobre poesia alemã começariam na seção da biblioteca marcada com o número 800, que contém livros sobre literatura e retórica. De modo similar, o oitavo andar desse hotel é reservado aos nossos hóspedes retóricos. Dentro da seção 800 de uma biblioteca, vocês encontrariam livros sobre poesia alemã rotulados com o número 831, e se tomassem o elevador e entrassem no quarto 831, encontrariam uma reunião de poetas alemães.” (SNICKET, 2006a, p. 62).

Os três Baudelaire tinham passado tempo suficiente em bibliotecas para estar familiarizado com o Sistema Decimal de Dewey, porém mesmo com a vasta experiência de Klaus em pesquisas não significava que ele guardara na memória o sistema inteiro. Não é necessário, é claro, memorizar o Sistema Decimal de Dewey a fim de usar uma biblioteca, por que a maioria das bibliotecas possui catálogos, nos quais todos os livros estão listados em fichas ou em telas de computador para torná-los mais fáceis de encontrar (SNICKET, 2006a, p. 62).

“Vocês não vão precisar de um catálogo. Toda a seção 100 de uma biblioteca é dedicada à filosofia e à psicologia, assim como o primeiro andar do nosso hotel, do balcão de recepção que é rotulado como 101, ou teoria da filosofia, ao balcão de *conciergers*, que é rotulado como 175, ou ética da recreação e lazer, e até os sofás ali adiante, que são rotulados como 135, ou sonhos e mistérios, caso os nossos hóspedes desejem dar um cochilo ou esconder alguma coisa embaixo das almofadas do sofá. O segundo andar dos 200, ou religião, e ali temos uma igreja, uma catedral, uma capela, um templo, um santuário, uma quadra de malha, e o quarto 296, atualmente ocupado por um rabino meio excêntrico. O terceiro andar é das ciências sociais, onde se

encontram o salão de baile as salas de reunião; o quarto andar é dedicado a linguagem, portanto a maioria dos nossos estrangeiros ficam lá. Os 500 são dedicados à matemática e à ciência, o sexto andar é dedicado a tecnologia, da sauna na Sala 613, que representa o fomento à saúde, à Sala 697, que é onde mantemos os controles de aquecimento, ventilação e ar-condicionado.” (SNICKET, 2006a, p. 63).

“Em todos esses perigos que encontraram, e nos incontáveis outros perigos além desses, eles sempre acharam uma biblioteca de um tipo ou de outro, onde conseguiram descobrir as informações necessárias para salvar a pele [...]” (SNICKET, 2006a, p. 70).

“Embora Klaus nunca tivesse pisado no Hotel Desenlace até então, caminhar por aquele corredor provocou nele uma sensação familiar. Era a sensação que ele sempre tinha quando entrava numa biblioteca com um problema importante para resolver, suspeitando que em algum lugar no meio da coleção de livros estivesse a resposta perfeita para qualquer pergunta que se impusesse em sua mente” (SNICKET, 2006a, p. 95).

“Temos que encontrar J.S.”, concordou Klaus, “mas como?”. “Tentar localizar um hóspede num hotel enorme é como encontrar um livro numa biblioteca.”

“Uma biblioteca sem catálogo”, disse Violet, e os três Baudelaire trocaram olhares tristonhos à luz da luminária em forma de rã (SNICKET, 2006a, p. 150).

As crianças tinham descoberto incontáveis segredos em bibliotecas sob as mais desesperadas circunstâncias. Elas decodificaram uma mensagem numa biblioteca enquanto um furacão arrasava tudo do lado de fora, e encontraram informações importantes enquanto uma pessoa sinistra as perseguia por uma biblioteca usando calçados malignos. Elas tinham descoberto fatos cruciais em uma biblioteca que só continha três livros, e obtiveram um mapa vital em uma biblioteca que era apenas uma pilha de papéis escondidos debaixo de uma mesa. Os Baudelaire até mesmo encontraram as respostas que estavam procurando em uma biblioteca que havia sido incendiada, deixando apenas uns poucos fragmentos de papel e um mote gravado em um arco de ferro. Violet, Klaus e Sunny ficaram por alguns momentos em pé atrás do balcão dos concierges pensando em todas as bibliotecas que tinham visto, e se perguntaram se algum dos segredos por eles descobertos iria ajudá-los a encontrar o que estavam procurando na desconcertante biblioteca do Hotel Desenlace (SNICKET, 2006a, p. 150-151).

A primeira vista, o grande, quadrado e irregular objeto dava a impressão de ser uma combinação de tudo do que os Baudelaire sentiam falta. Parecia uma biblioteca, porque o objeto era nada menos que montes e montes de livros, cuidadosamente empilhados uns por cima dos outros em um enorme cubo. Mas também parecia uma invenção, porque, envolvendo o cubo de livros, do mesmo modo que um barbante envolve um pacote, havia tiras grossas que pareciam feitas de borracha, em vários tons de verde, e de um lado do cubo fora afixada uma grande aba de madeira deteriorada (SNICKET, 2006b, p. 101).

"Biblioteca" é mais uma palavra que pode significar duas coisas diferentes, o que quer dizer que, mesmo em uma biblioteca, você pode não estar a salvo da confusão e do mistério do mundo. O uso mais comum da palavra "biblioteca", é claro, refere-se a uma coleção de livros e documentos, tais como as bibliotecas que os Baudelaire encontraram durante as suas viagens e desventuras, desde a biblioteca legal da juíza Strauss até o Hotel Desenlace, que era em si uma enorme biblioteca — com, revelou-se, outra biblioteca escondida por perto. Mas a palavra "biblioteca" também pode se referir a uma massa de conhecimento, ou a uma fonte de aprendizado, assim como Klaus Baudelaire é uma espécie de biblioteca com a massa de conhecimento armazenada em seu cérebro, ou Kit Snicket, que foi uma fonte de aprendizado para os Baudelaire quando lhes contou sobre C.S.C. e suas nobres missões. Assim, quando escrevo que os órfãos Baudelaire se encontravam na maior biblioteca que já tinham visto, é esta a definição da palavra que estou usando, porque o arboreto era uma enorme massa de conhecimento, e uma fonte de aprendizado, mesmo sem um pedaço sequer de papel visível (SNICKET, 2006b, p. 173).

Elaboração própria, 2018.

A biblioteca pode ter uma variedade de tamanhos, pode ser de vários tipos e oferecer os mais variados serviços aos seus usuários, durante a narrativa nos deparamos com essas informações nos trechos destacados.

Araújo e Oliveira (2005) dizem que a biblioteca é um organismo vivo a serviço da comunidade; nela, obtemos respostas às nossas indagações. E durante toda a narrativa se deparamos com momentos onde os personagens utilizam das informações encontradas nessas unidades para absorverem conhecimento e fazerem uso de forma adequada. “Em todos esses perigos que encontraram, e nos incontáveis outros perigos além desses, eles sempre acharam uma biblioteca de um tipo ou de outro, onde

conseguiram descobrir as informações necessárias para salvar a pele [...]” (SNICKET, 2006a, p. 70).

A organização de uma biblioteca e seu sistema de classificação é um ponto abordado durante o desenvolvimento da narrativa, principalmente no décimo primeiro livro, *O Hotel Desenlace*, onde se tem todo livro com elementos representativos da Classificação Decimal de Dewey (CDD).

O sistema de classificação utilizado pelas bibliotecas tem como finalidade identificar o livro na estante e facilitar o acesso aos assuntos. Isso ocorre por meio da organização do universo do conhecimento em uma ordem sistemática. Dessa forma, o material do acervo é agrupado pelo assunto que trata. Cada tema é representado por um símbolo correspondente presente nas etiquetas das lombadas dos livros (MORO; ESTABEL, 2014, p. 27).

Moro e Estabel (2014) discorrem sobre a CDD e informam que a mesma foi desenvolvida por Melvil Dewey em 1873 e representa um mapa completo das áreas do conhecimento. Ele divide o sistema em 10 classes principais – 000, 100, 200, 300, 400, 600, 700, 800 e 900 (Quadro 3) - fazendo suas relações com o conhecimento humano. A classificação apresenta a divisão do conhecimento em hierarquias, com tópicos organizados dos mais amplos aos mais específicos.

Quadro 3

Classe	Área do Conhecimento
000	Ciência da computação, informação e obras gerais.
100	Filosofia e psicologia.
200	Religião
300	Ciências Sociais
400	Língua
500	Ciências puras
600	Tecnologia
700	Artes e Recreação
800	Literatura
900	História e Geografia

Fonte: DDC Edition 23.

O *Hotel Desenlace* é organizado de acordo com o Sistema Decimal de Dewey. [...] É o mesmo modo de organização de muitas bibliotecas. Por exemplo, se vocês quisessem encontrar um livro sobre poesia alemã começariam na seção da biblioteca marcada com o número 800, que contém livros sobre literatura e retórica. De modo similar, o oitavo andar desse hotel

é reservado aos nossos hóspedes retóricos. Dentro da seção 800 de uma biblioteca, vocês encontrariam livros sobre poesia alemã rotulados com o número 831, e se tomassem o elevador e entrassem no quarto 831, encontrariam uma reunião de poetas alemães. (SNICKET, 2006a, p. 62).

A unidade acima mostra como o autor se utiliza dos recursos da biblioteconomia para criar um ambiente similar à organização de uma biblioteca onde os elementos da narrativa estejam conectados à catalogação existente através da CDD.

O trecho da unidade de contexto destacada: “[...] Não é necessário, é claro, memorizar o Sistema Decimal de Dewey a fim de usar uma biblioteca, por que a maioria das bibliotecas possui catálogos, nos quais todos os livros estão listados em fichas ou em telas de computador para torná-los mais fáceis de encontrar.” (SNICKET, 2006a, p. 62). Demonstra também a necessidade da organização e da importância dos catálogos dentro de uma biblioteca, pois eles são instrumentos de pesquisa que facilitam imensamente a recuperação da informação pelos usuários da unidade.

Vocês não vão precisar de um catálogo. Toda a seção 100 de uma biblioteca é dedicada à filosofia e à psicologia, assim como o primeiro andar do nosso hotel, do balcão de recepção que é rotulado como 101, ou teoria da filosofia, ao balcão de *conciergers*, que é rotulado como 175, ou ética da recreação e lazer, e até os sofás ali adiante, que são rotulados como 135, ou sonhos e mistérios, caso os nossos hóspedes desejem dar um cochilo ou esconder alguma coisa embaixo das almofadas do sofá. O segundo andar dos 200, ou religião, e ali temos uma igreja, uma catedral, uma capela, um templo, um santuário, uma quadra de malha, e o quarto 296, atualmente ocupado por um rabino meio excêntrico. O terceiro andar é das ciências sociais, onde se encontram o salão de baile as salas de reunião; o quarto andar é dedicado a linguagem, portanto a maioria dos nossos estrangeiros ficam lá. Os 500 são dedicados à matemática e à ciência, o sexto andaré dedicado a tecnologia, da sauna na Sala 613, que representa o fomento à saúde, à Sala 697, que é onde mantemos os controles de aquecimento, ventilação e ar-condicionado. (SNICKET, 2006a, p. 63)

A unidade de contexto acima apresenta mais exemplos da utilização da CDD na narrativa e da criação do ambiente pelo autor utilizando-se da classificação original das bibliotecas e toda numeração apresenta e que representam cômodos, ambientes e objetos são exatamente classificados conforme a Classificação Decimal de Dewey. Por exemplo, 296 é o número que representa o Judaísmo e é o quarto onde segundo o autor está “atualmente ocupado por um rabino meio excêntrico”.

Um aspecto importante que o autor apresenta e faz conhecer durante o desenvolvimento da sua narrativa sobre os Irmãos Baudelaire são os tipos de biblioteca.

Durante as treze obras que compõem a série os mais diversos tipos de biblioteca são apresentados e isso fica claro na unidade de contexto abaixo:

Pode ser estranho saber que havia uma biblioteca debaixo da mesa de madame Lulu, mas com o os órfãos Baudelaire sabiam, existem quase tantos tipos de bibliotecas quanto de leitores. As crianças tinham encontrado uma biblioteca particular na casa da juíza Strauss, de quem sentiam muita falta, e uma biblioteca científica na casa do tio Monty, alguém que nunca mais veriam. Tinham visto um biblioteca acadêmica na Escola Preparatória Prufrock, e uma biblioteca desfalcada na Serraria Alto-Astral, uma expressão que aqui significa “vazia, não fosse por três livros”. Existem bibliotecas públicas e bibliotecas médicas, bibliotecas secretas e bibliotecas proibidas, bibliotecas de registros e bibliotecas de catálogos de leilão, e existem bibliotecas de arquivos históricos, que é um termo sofisticado para se referir a uma coleção de pastas e documentos em vez de livros. As bibliotecas de arquivos históricos ficam normalmente me universidades, museus e outros lugares silenciosos – tais como embaixo de uma mesa – onde as pessoas possam ir e examinar os papéis que desejarem para encontrar as informações que precisam. Os Baudelaire examinaram demoradamente as enormes pilhas de papéis embaixo da mesa, e perceberam que madame Lulu tinha uma biblioteca de arquivos históricos que bem poderia conter as informações que eles procuravam.(SNICKET, 2004b, p. 115-116)

O Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP)⁴ diz que “o tipo de biblioteca é determinado pelas funções e serviços que ela oferece, pela comunidade que ela atende, e pelo vínculo institucional”. E apresenta as bibliotecas divididas em: Biblioteca Pública, Biblioteca Comunitária, Biblioteca Nacional, Biblioteca Escolar, Biblioteca Universitária e Biblioteca Especializada.

Ainda com relação à classificação das bibliotecas Silva e Araújo (1995, p.22) completam que genericamente, as bibliotecas podem ser ainda ser classificadas pela natureza da coleção (geral o especializada); pelo nível da coleção (eruditas ou populares); pelo tipo de consulta (*on-line*, acervo fechado, acervo aberto, etc); segundo o tipo de clientela (idade, profissão ou condição especial); segundo a entidade mantedora (privada ou pública); segundo a organização das coleções (centralizadas ou departamentalizadas).

⁴ Disponível em: <<http://snbp.culturadigital.br/tipos-de-bibliotecas/>>. Acesso em : 06 maio 2018.

4.2 Livro como unidade de registro

Três das cinco leis fundamentais para a Biblioteconomia instituídas pelo indiano S.R. Ranganathan através da obra *As Cinco Leis da Biblioteconomia*, lançado em 1931, se debruçam sobre a importância do livro. As cinco leis podem ser resumidas como:

1. Os livros são para se usar;
2. A cada leitor seu livro;
3. A cada livro o seu leitor;
4. Poupe o tempo do leitor;
5. A Biblioteca é um organismo em crescimento.

Dentro da narrativa de Lemony Snicket (Quadro 3) podemos ver a aplicação ou não, das três primeiras leis, e a importância do livro para os irmãos Baudelaire.

Quadro 4

<p>“Há muitos tipos de livros no mundo, o que faz sentido, porque há muitos e muitos tipos de pessoas e gostos diferentes” (SNICKET, 2001a, p. 78).</p>
<p>“Lembrem-se, órfãos”, disse ainda, “você podem ter lido mais livros do que eu, mas nada lhe serviu para que levasse a melhor nessa situação. Vamos, agora me passem esse livro que lhes deu idéias tão formidáveis, e vão cuidar dos serviços que determinei para hoje” (SNICKET, 2001a, p. 102-103).</p>
<p>“[...] ao chegar ao extremo mais distante, novamente se quedaram pasmos de espanto e encantamento. Pois ali, onde terminavam as fileiras e mais fileiras de estantes de livros, cada qual fornida de volumes dos mais diferentes tamanhos e formas, em arrumação conjugada, num dos cantos, com mesas, cadeiras e abajures para leitura. [...] os Baudelaire pais tinham uma enorme coleção de livros, dos quais os órfãos recordavam com carinho e cuja falta sentiam horrivelmente, tanto que, desde o pavoroso incêndio, conhecer alguém que apreciasse os livros tanto quanto eles era sempre uma alegria para os meninos” (SNICKET, 2001b, p. 28-29).</p>
<p>“Klaus era um leitor voraz, e quando ficou sabendo da sua alergia numa festa de</p>

<p>aniversário aos oito anos, foi logo lendo todos os livros sobre alergia da biblioteca dos pais dele. Mesmo passados quatro anos, ele ainda era capaz de recitar as fórmulas químicas que causavam o inchaço de sua língua” (SNICKET, 2001c, p. 12).</p>
<p>“O fato de uma coisa estar impressa – ou em cartão ou em jornal, ou em livro – não significa que essa coisa seja verdadeira” (SNICKET, 2001c, p. 55).</p>
<p>“Alguns livros haviam caído das estantes, e o vento os arrastara para a janela onde foram engolidos pelo aguaceiro. Poucas visões são tão entristecedoras quanto a de um livro estragado [...]” (SNICKET, 2001c, p. 97).</p>
<p>“Acabamos de descobrir o código usado por tia Josephine em sua mensagem e a palavra que ela quis formar; agora precisamos procurar o significado de PGRUTA, e isso só consultando livros na biblioteca” (SNICKET, 2001c, p. 103).</p>
<p>“Não temos uma eternidade à nossa disposição”, disse Violet. “[...] Procure pela letra P no índice do final do livro. Olhe bem, porque esse P pode ser uma abreviatura, e então estará escrito P. GRUTA.” Klaus foi direto ao índice, que, tenho certeza, vocês sabem que é uma lista de coisas que o livro contém, com as páginas em que aparecem (SNICKET, 2001c, p. 107).</p>
<p>“O livro de mapas da tia Josephine os salvara uma primeira vez, ao mostrar a localização da Gruta do “P”, e agora os salvava novamente” (SNICKET, 2001c, p. 124).</p>
<p>“Poderíamos <i>ler</i> sobre todas essas coisas”, disse Klaus, “e aprender tudo isso nos livros”.</p> <p>“Isso é verdade”, disse Charles. “Eles poderiam estudar na biblioteca. Parecem bem comportados, e estou certo que não criariam nenhum problema” (SNICKET, 2002a, p. 53-54).</p>
<p>Violet tornou a ler a primeira frase e tudo que viu foi uma tremenda confusão de palavras difíceis. Ela sabia que, se Klaus estivesse na biblioteca, e não hipnotizado, Klaus seria capaz de encontrar um meio de tirá-las daquela situação. Começou a imaginar como seu irmão procederia para ler <i>Ciência ocular avançada</i> e tentou adivinhar seus métodos.</p> <p>Primeiro voltou às páginas do livro até o comecinho, antes daquela primeira frase, e foi parar no sumário – que, como vocês sabem, é uma lista com os títulos de cada capítulo e o número da página em que eles começam. Quando abriu o livro pela primeira vez Violet mal se deteve no sumário; no entanto, depois concluiu que primeiro Klaus</p>

provavelmente consultaria o sumário, para ter uma noção de quais capítulos poderiam ser mais úteis (SNICKET, 2002a, p. 131-132).

“Esses idiotas sabem um monte de palavras”, disse Shirley na sua ridícula voz de falsete. “São viciados em livros. [...]” (SNICKET, 2002a, p.148).

"Antes da cisão", disse Dewey, "C.S.C. era como uma biblioteca pública. Qualquer um podia se juntar a nós e ter acesso a todas as informações que adquirimos. Voluntários de todo o mundo liam as pesquisas uns dos outros, aprendiam com as observações uns dos outros e pegavam livros emprestados uns dos outros. Por algum tempo, pareceu que poderíamos manter o mundo inteiro a salvo, seguro e em ordem." (SNICKET, 2006a, p. 161).

"Tinha quatro anos de idade quando a cisão começou. Mal tinha altura suficiente para alcançar a minha prateleira favorita na biblioteca da família — os livros identificados como 020 [...].” (SNICKET, 2006a, p. 162).

As crianças viram-se espiando o balcão dos concierges, onde estavam empilhadas todas as evidências que a multidão submetera, inclusive matérias de jornal, estudos ambientais, livros escolares, projetos de bancos, registros administrativos, papelada, registros financeiros, livros de regras, constituições, cartazes de parque de diversões, desenhos anatômicos, livros, páginas em branco cravejadas de rubis, um livro alegando o quanto Carmelita Spats era maravilhosa, livros de lugar-comum, fotografias, registros hospitalares, artigos de revistas, telegramas, dísticos, mapas, livros de culinária, retalhos de papel, roteiros de cinema, dicionários de rimas, cartas de amor, resumos de óperas, dicionários analógicos, licenças de casamento, comentários talmúdicos, legados e testamentos, catálogos de leilões, livros de códigos, enciclopédias micológicas, cardápios, tabelas de horários de balsas, programas de teatro, cartões comerciais, memorandos, novelas, biscoitos, provas sortidas que uma certa pessoa não queria categorizar e a mãe de alguém, tudo isso coisas que Dewey Dénouement tinha esperança de catalogar (SNICKET, 2006a, p. 257).

"Você não pode ler aquele livro inteiro!", disse o conde Olaf. "A multidão nos encontrará antes que você termine o primeiro capítulo!" "Vou procurar no índice", disse Klaus, "exatamente como fiz na casa da tia Josephine quando decodificamos o seu bilhete e encontramos o seu esconderijo." "Eu sempre me perguntei como você fez

aquilo", disse o conde Olaf, soando quase como se admirasse as habilidades de pesquisador do Baudelaire do meio. Klaus folheou o livro até a parte final, onde o índice pode normalmente ser encontrado. Um índice, como tenho certeza de que você já sabe, é uma lista de tudo o que o livro contém, e onde cada item pode ser encontrado (SNICKET, 2006a, p. 273).

Um livro sendo queimado é uma visão triste, muito triste, pois muito embora um livro nada mais seja senão tinta e papel, a sensação é de que as idéias contidas nele estão desaparecendo à medida que as páginas se transformam em cinzas, e a capa e a encadernação — que é o termo usado para a costura e a cola que mantêm juntas as páginas — vão ficando pretas e engrouvinhadas enquanto as chamas fazem seu trabalho maligno. Quando alguém está queimando um livro, demonstra total desprezo por todos os pensamentos que produziram as suas idéias, todo o trabalho aplicado nas suas palavras e sentenças, e todos os contratemplos que recaíram sobre o autor, desde a invasão dos cupins que tentaram destruir suas anotações até a enorme pedra que alguém fez rolar para cima do ilustrador enquanto ele estava sentado à beira do espelho d'água aguardando a entrega do original (SNICKET, 2006a, p. 265-286).

"Não acho que seja um punhal", disse Klaus. "Acredito que seja uma antiga ferramenta usada para abrir páginas de livros. Hoje em dia a maior parte dos livros já é vendida com as páginas separadas, mas alguns anos atrás cada página era ligada à seguinte, portanto era necessário um instrumento para cortar as dobras do papel e ler o livro" (SNICKET, 2006b, p. 71).

Elaboração própria, 2018.

Iniciando pela estrutura do livro, os elementos textuais são de grande importância para que o leitor saiba se aquela obra realmente lhe será útil.

Violet tornou a ler a primeira frase e tudo que viu foi uma tremenda confusão de palavras difíceis. Ela sabia que, se Klaus estivesse na biblioteca, e não hipnotizado, Klaus seria capaz de encontrar um meio de tirá-las daquela situação. Começou a imaginar como seu irmão procederia para ler *Ciência ocular avançada* e tentou adivinhar seus métodos. Primeiro voltou às páginas do livro até o comecinho, antes daquela primeira frase, e foi parar no sumário — que, como vocês sabem, é uma lista com os títulos de cada capítulo e o número da página em que eles começam. Quando abriu o livro pela primeira vez Violet mal se deteve no sumário; no entanto, depois concluiu que primeiro Klaus provavelmente consultaria o sumário, para ter uma noção de quais capítulos poderiam ser mais úteis. (SNICKET, 2002a, p. 131-132)

Violet neste caso usa do sumário como método de recuperação da informação, não se fazendo necessária a leitura de toda a obra para encontrar o que realmente pode lhe ser útil. Estabel e Moro (2014, p. 10-11) dizem que o sumário apresenta a enumeração e divisões, seções e outras partes de uma publicação, seguindo a ordem e grafia que a matéria apresenta no texto, ou seja, consiste na enumeração dos capítulos, seções ou partes da obra.

Além do sumário, o índice é um elemento de extrema importância para a recuperação da informação dentro de uma publicação. Ele pode ser denominado como índice de conteúdos, índice de matérias, índice geral ou índice de temas. Há também o índice remissivo que é a listagem, em ordem alfabética, de nomes, sítios e conceitos que aparecem em uma obra, remetendo às páginas onde ocorrem. Aparece no fim de uma publicação caracterizando-se como a forma tradicional do hiperlink impresso, que aumenta muito a usabilidade do livro (ESTABEL; MORO, 2014, p. 11).

Essa importância do índice para a recuperação rápida de alguma informação necessária é apresentada em vários momentos na narrativa de *Desventuras em Série*, onde Klaus, que possui hábitos de leitura incríveis, se vê em situações de extrema necessidade onde não teria condições de ler um livro por inteiro para encontrar o que procura.

"Você não pode ler aquele livro inteiro!", disse o conde Olaf. "A multidão nos encontrará antes que você termine o primeiro capítulo!" "Vou procurar no índice", disse Klaus, "exatamente como fiz na casa da tia Josephine quando decodificamos o seu bilhete e encontramos o seu esconderijo." "Eu sempre me perguntei como você fez aquilo", disse o conde Olaf, soando quase como se admirasse as habilidades de pesquisador do Baudelaire do meio. Klaus folheou o livro até a parte final, onde o índice pode normalmente ser encontrado. Um índice, como tenho certeza de que você já sabe, é uma lista de tudo o que o livro contém, e onde cada item pode ser encontrado. (SNICKET, 2006a, p. 273).

Além de retratar a importância dos livros para a resolução dos problemas e para a obtenção de conhecimento, o autor aborda também um pouco da história do livro e apresenta de forma sutil um trecho que demonstra que a fabricação do livro e a forma como são lidos atualmente não são as mesmas de anos atrás.

"Não acho que seja um punhal", disse Klaus. "Acredito que seja uma antiga ferramenta usada para abrir páginas de livros. Hoje em dia a maior parte dos livros já é vendida com as páginas separadas, mas alguns anos atrás cada

página era ligada à seguinte, portanto era necessário um instrumento para cortar as dobras do papel e ler o livro."(SNICKET, 2006b, p. 71).

Nesse trecho ele apresenta um elemento que estava presente na vida de leitores do século XV ao século XIX, que tinham que andar com seus livros e suas “espátulas de cortar papel” (Figura 3), pois era um elemento extremamente necessário para se dar a leitura de uma obra impressa na época, já que as folhas não vinham soltas como atualmente.

Imagem 3: Espátula de cortar papel



Fonte:<https://experimentovivi.files.wordpress.com/2010/05/cortapapeis11.jpg?w=497>

Um trecho marcante que demonstra exatamente a utilização de tal instrumento é visto na obra do autor russo LievTolstói, *Anna Karenina*.

Sentindo a mesma preocupação que a tomara todo dia, mas com o certo prazer, começou a instalar-se para a jornada: abriu, com as suas mãos ágeis, o saquinho vermelho, retirou dele uma almofada, que colocou em cima dos joelhos, e embrulhou as pernas na manta de viagem, sentando-se com toda comodidade. (...) pediu a Ánuchka a lanterninha, que prendeu no braço do assento, e tirou da maleta um romance inglês e uma espátula de cortar papel.

4.3 Bibliotecário como unidade de registro

Quadro 5

Talvez possamos simplesmente pedir a ele que a encontre para nós", disse Violet. "Se esta fosse uma biblioteca comum, pediríamos ajuda à bibliotecária. Em uma Biblioteca de Registros, talvez devêssemos pedir a Hal." (SNICKET, 2004a, p. 48)

De todas as palavras da língua inglesa, em que foi originalmente escrito este livro, a palavra "set" é a que tem o maior número de definições, e se você abrir um bom dicionário e ler o extenso verbete começará a achar que "set" nem chega a ser uma palavra, mas apenas um som que significa coisas diferentes, dependendo de quem diz. Por exemplo, se uma banda de músicos de jazz fala "set", eles devem estar se referindo às músicas que pretendem tocar naquela noite, contanto que o clube onde tocam não tenha sido incendiado. Se um proprietário de restaurante usa a palavra "set", deve estar se referindo a um conjunto de taças de vinho idênticas ou a um grupo de garçonetes com a mesma aparência. Um bibliotecário chamaria de "set" uma coleção de livros do mesmo autor ou sobre o mesmo assunto. (SNICKET, 2004c, p. 182)

"Você é mais que um voluntário", disse Violet. "Você é um bibliotecário." "Sou mais um sub-sub-bibliotecário", disse Dewey modestamente. "É assim que os seus pais costumavam me chamar, pois o meu trabalho de bibliotecário foi em grande parte clandestino e subterrâneo. Todos os vilões do mundo gostariam de destruir essas evidências, portanto foi necessário ocultar a obra da minha vida." (SNICKET, 2006a, p. 90)

Elaboração própria, 2018

Durante toda narrativa é apresentado personagens que fazem parte de uma sociedade que movimenta toda trama, e de uma forma implícita o autor nos dá a imaginar que em sua maioria são bibliotecários, mas o intuito desta pesquisa não é fazer análises implícitas e sim recuperar unidades explícitas das passagens onde os elementos da biblioteconomia se tornam presentes. Em apenas 3 (três) casos temos a unidade “bibliotecário” presente, e que podemos utilizar como objeto de estudo.

“Poupe o tempo do leitor” é a quarta lei da biblioteconomia dita por Ranganathan, de certa forma é a única lei que não fala diretamente do livro ou da

biblioteca, mas sim da forma de organização da mesma e consequentemente do profissional responsável pela mesma.

E o trecho abaixo demonstra essa importância do bibliotecário dentro de uma unidade de informação, sendo que neste caso a unidade apresenta um profissional adequado a situação, tanto que os jovens Baudelaire se referem à pessoa que trabalha na Biblioteca de Registros apenas pelo nome.

“Talvez possamos simplesmente pedir a ele que a encontre para nós”, disse Violet. “Se esta fosse uma biblioteca comum, pediríamos ajuda à bibliotecária. Em uma Biblioteca de Registros, talvez devêssemos pedir a Hal.” (SNICKET, 2004a, p. 48)

Pode-se dizer também que o autor pode estar se referindo ao bibliotecário de referência, pois Viera (2014, p. 264) diz que o bibliotecário de referência é responsável por auxiliar o usuário em sua busca pela informação, direcionando e orientando sua pesquisa através do contato direto ou por outros meios. E essa ajuda pela busca da informação é o que nos é apresentado pelo autor.

O bibliotecário pode possuir várias especialidades e trabalhar em vários tipos de biblioteca ou unidades de informação, porém o profissional do processamento técnico é o responsável pelo tratamento da informação e a organização da mesma, onde será levada em consideração a melhor forma de organização para recuperação pelo usuário.

De todas as palavras da língua inglesa, em que foi originalmente escrito este livro, a palavra "set" é a que tem o maior número de definições, e se você abrir um bom dicionário e ler o extenso verbete começará a achar que "set" nem chega a ser uma palavra, mas apenas um som que significa coisas diferentes, dependendo de quem diz. Por exemplo, se uma banda de músicos de jazz fala "set", eles devem estar se referindo às músicas que pretendem tocar naquela noite, contanto que o clube onde tocam não tenha sido incendiado. Se um proprietário de restaurante usa a palavra "set", deve estar se referindo a um conjunto de taças de vinho idênticas ou a um grupo de garçonetes com a mesma aparência. Um bibliotecário chamaria de "set" uma coleção de livros do mesmo autor ou sobre o mesmo assunto. (SNICKET, 2004c, p. 182)

Na unidade extraída da obra o autor se refere à organização da biblioteca de uma forma onde temos livros do mesmo autor juntos, ou até mesmo a forma utilizada geralmente em bibliotecas onde temos a classificação por assunto, por exemplo, a CDD.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioteconomia é movida por informação, a qual está presente em diversos suportes e formatos. Entretanto, o livro é um dos elementos mais associados a esta área do conhecimento, pois este sempre esteve inserido na sociedade, seja em suporte mineral, animal ou vegetal, nos suportes impressos ou em meio eletrônico, ele perpassa todas as épocas e se adéqua as tecnologias vigentes.

A literatura por sua vez tem um papel importante na sociedade, além de ser uma forma de entretenimento é também uma fonte de informação não convencional, pois não é a sua principal função. E a representação dos elementos da biblioteconomia dentro da literatura é recorrente principalmente na literatura jovem adulta, e em alguns livros de literatura infantojuvenil.

Muitas vezes essa representação é feita através de personagens bibliotecários, da utilização de bibliotecas ou arquivos como ambientação durante a narrativa e até mesmo com a utilização de livros e documentos para busca de alguma informação. São pequenos detalhes que geralmente ficam passados despercebidos aos olhos de alguns leitores, mas o profissional bibliotecário deve e se atentar a essa representação, pois se tornar um instrumento de incentivo a leitura e de material de trabalho em algumas ações de divulgação sobre a importância da biblioteca e seus elementos.

A análise da Obra Desventuras em Série nos mostra que a representação desses elementos inerentes a Biblioteconomia, livro, biblioteca e bibliotecário ocorre com muita frequência durante toda a narrativa dos treze livros que compõe a série, sendo que muito foi encontrado de forma implícita e como não era o objetivo desse trabalho fazer análise desse tipo apenas foi apresentado unidade de contexto de acordo com a metodologia da análise de conteúdo baseada em coocorrências.

O livro é apresentado durante toda narrativa como um ponto de apoio para que os personagens encontrem as informações necessárias para solucionarem seus problemas e desvendar os mais diversos enigmas que acontecem durante a desventura dos Baudelaire. As informações obtidas através das leituras, principalmente pelo jovem Klaus é constantemente remetida e enaltecida, pois esse conhecimento obtido através dos livros é de grande ajuda para ele e suas irmãs.

A biblioteca sempre é apresentada como um espaço de ambientação na maioria dos livros da coleção. Existem críticas como no caso da biblioteca sem livros, em “Serraria Baixo - Astral”, onde o autor diz: “Esse é o único defeito da biblioteca [...] Senhor não quis me dar dinheiro para comprar livros”, onde se pode perceber que muitas vezes os livros são deixados em segundo plano e as bibliotecas ficam sem recursos para se manter de forma digna para atender aos seus usuários. Mas também é possível ver a representação dos mais diversos tipos de bibliotecas, e as suas potencialidades para cada tipo de usuário.

O bibliotecário é o elemento que possui uma menor representação, onde aparece de forma mais aberta apenas no final da saga dos Baudelaire, porém é perceptível e fica subentendido que alguns personagens são bibliotecários e trabalham de certa forma com o tratamento da informação.

Essa característica de contextos implícitos deixa aberta a possibilidade para novos estudos levando em consideração essa abertura que o autor deixa para interpretação da sua narrativa, aprofundando a importância e a influência desses elementos no desenvolvimento da narrativa e dos personagens da obra.

O conhecimento sobre literatura é muito importante para o profissional bibliotecário, poder e saber indicar obras que são adequadas ao usuário fazem com o mesmo se torne um usuário constante além de incentivar o hábito da leitura. Além de criar o hábito de leitura, a obtenção de conhecimento e de informações através da literatura é possível, Almeida (2012, p. 92) destaca:

“Toda literatura situa o leitor num sistema de informações – não só informações sobre o mundo ao qual a obra literária se refere, mas também sobre o próprio universo literário no qual ela se inscreve: seu pertencimento a um gênero e/ou escola, sua relação com outras obras, sua apreciação crítica, sua influência. Pode parecer, à primeira vista que o ato de informa-se seria algo bastante simples mas isso não é verdade. A multiplicação da quantidade de informações sempre crescente provoca um “ruído” de fundo que mais dificulta que facilita esse processo. Além disso, seria necessário refletir acerca das estruturas de interpretação utilizadas para passar da recepção dessas informações à sua “organização” e incorporação como conhecimento”.

A literatura infantojuvenil por sua vez trás essas informações com uma linguagem voltada para o público que está em uma fase onde as opiniões estão sendo formadas e o conhecimento sobre o mundo é essencial para seu desenvolvimento intelectual. Na atualidade, a informação configurou-se como elemento fundamental,

assumindo, ao longo dos anos, um importante papel na vida das pessoas, estando presente de forma intensa e exaustiva em todos os aspectos e em todos os momentos (CASTRO FILHO, 2012, p. 12).

A obra *Desventuras em Série* possui duas adaptações, um filme lançado em 2004 e ganhador do *Oscar* de melhor maquiagem, e uma adaptação em formato de série de TV, produzida pelo canal de *streaming Netflix*, onde cada livro da saga é adaptado em dois episódios. Essas adaptações também possuem aspectos representativos da biblioteca, dos livros e do bibliotecário dentro do desenvolvimento do enredo, o que pode ser analisado em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antônio de. Literatura, informação, conhecimento e ciência. In: ALMEIDA, Marco Antônio de (Org.). **Ciência da informação e literatura**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012. p. 11-29.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, sociedade e cidadania: práticas informacionais de organizações não governamentais – ONGs brasileiras. **Inf.Inf.**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 31-54, jan./jun. 2001.
- ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene de. A produção de conhecimentos e a origem das Bibliotecas. In: OLIVEIRA, Marlene de (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Cap.2.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações 2002**. Brasília: MTE, 2002. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br>>. Acesso em: 14 ago. 2017.
- CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de. A Literatura infantil em diálogo com a biblioteca escolar. In: ALMEIDA, Marco Antônio de (Org.). **Ciência da informação e literatura**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012. p. 11-29.
- COELHO, Paulo. **Veronika decide morrer**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1988.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 9-10.
- DEWEY, Melvil; MITCHELL, Joan S (Ed.). **Dewey decimal classification and relative index**. 23th ed. Dublin, Estados Unidos: OCLC, 2011. 4 v. ISBN 9781910608814
- ECO, Humberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FERREIRA DE PAULA, Flávia; FERNANDES, Célia Regina Delácio. Literatura infantojuvenil, políticas públicas de leitura e formação de leitores. **R. Pol. Públ.**, São Luís, v. 18, n. 2, p.587-601, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3211/321133267021/>>. Acesso em: 26 out. 2017.
- FLECK, Gilmei Francisco. O Papel da Literatura Infantil e Infanto-Juvenil na Formação do Leitor: perspectivas, desafios e ensino. **R. Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 10, n. 14, p.11-28, jul. 2007. Semestral. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/72>>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

- FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GOES, Lucia Pimentel. **Introdução à literatura para crianças e jovens**. São Paulo, SP: Paulinas, 2010. 264 p. (Coleção Literatura & ensino). ISBN 978853625622.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura infantil: um percurso em busca da expressão artística. In: GREGORIN FILHO, José Nicolau et al (Org.). **A Literatura infantil e juvenil hoje: Múltiplos olhares, diversas leituras**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2011. p. 12-25.
- JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?**. São Paulo: Parábola, 2012. 167 p. (Teoria literária, v. 1).
- LE COADIC, YvesFrancois. **A ciência da informação**. Tradução de Maria Yêda F.S. de Figueiras Gomes. 2ª ed.rev. e atual. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- MEIRELES, Cecília, **Problemas da literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1979.
- MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MINAYO, Maria Cecilia de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Tratamento do livro: Seleção, aquisição e organização do acervo da biblioteca. In: MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil (Orgs.). **Biblioteca: conhecimentos e práticas**. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 14- 34.
- OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. **Bárbara Vasconcelos de Carvalho e o ensino da literatura infantil no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013 .Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/113721>>.
- OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: OLIVEIRA, Marlene de (Org.). **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Cap. 1.
- OSGOOD, C.E. TheRepresentation Model and Relevant ReserchMethod. **Trends in Content Analysis**. Urbana: Universityof Illinois Press, 1959.
- SANTOS, Fabiano dos *etal*. A formação de mediadores de leitura: um desafio a ser assumido por profissionais. In: SANTOS, Fabiano dos *et al* (Org.). **Mediação de**

leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009. p. 13-22.

SILVA, Divina Aparecida da; ARAUJO, Iza Antunes. **Auxiliar de biblioteca**. 3. ed. ver. atual. Brasília: Thesaurus, 1995.

SILVA, Maria Guedes da; LENDENGUE, Maria do Livramento de C. Bibliotecário na formação de leitores em potencial. **Biblionline**, João Pessoa, n. esp., p. 92-98, 2010.

SIMÕES, Marco Antonio. **História da leitura:** do papiro ao papel digital. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

SNICKET, Lemony. **Mau começo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a. 148 p. (Desventuras em Série, v. 1).

SNICKET, Lemony. **A sala dos répteis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b. 177 p. (Desventuras em Série, v. 2).

SNICKET, Lemony. **O lago das sanguessugas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001c. 184 p. (Desventuras em Série, v. 3).

SNICKET, Lemony. **Serraria baixo-astral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a. 172 p. (Desventuras em Série, v. 4).

SNICKET, Lemony. **Inferno no colégio interno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b. 197 p. (Desventuras em Série, v. 5).

SNICKET, Lemony. **O elevador ersatz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a. 228 p. (Desventuras em Série, v. 6).

SNICKET, Lemony. **A cidade sinistra dos corvos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b. 227 p. (Desventuras em Série, v. 7).

SNICKET, Lemony. **O hospital hostil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a. 224 p. (Desventuras em Série, v. 8).

SNICKET, Lemony. **O espetáculo carnívoro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004b. 233 p. (Desventuras em Série, v. 9).

SNICKET, Lemony. **O escorregador de gelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004c. 275 p. (Desventuras em Série, v. 10).

SNICKET, Lemony. **A Gruta Gorgônea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 280 p. (Desventuras em Série, v. 11).

SNICKET, Lemony. **O penúltimo perigo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006a. 311 p. (Desventuras em Série, v. 12).

SNICKET, Lemony. **O fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006b. 284 p. (Desventuras em Série, v. 13).

TOLSTOI, Liev. **Ana Karenina**. São Paulo: Círculo do Livro, c1994. 747p.